



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação



Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

**Conhecimentos e Práticas de Professores do 1.º Ciclo no
Âmbito da Educação de Crianças Sobredotadas**

Carla Isabel Santos Oliveira Lança

Beja

2014

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

**Conhecimentos e Práticas de Professores do 1.º Ciclo no
Âmbito da Educação de Crianças Sobredotadas**

Tese de Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor

Elaborado por:

Carla Isabel Santos Oliveira Lança

Orientação por:

Professor Doutor José António Espírito Santo

Beja, 2014

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor José António Espírito Santo, pela dedicação e orientação do presente trabalho.

Aos meus filhos Beatriz, António e Leonor e ao meu marido pelo tempo que não lhes dediquei.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe, pelo apoio e incentivos incansáveis e à sua disponibilidade em me ajudar.



As crianças sobredotadas são, naturalmente crianças capacitadas, mas são também, por isso e por falta de apoio adequado, crianças com problemas específicos, bem característicos de uma inadaptação evidente.

Falcão, 1992

Resumo

Fizeram parte deste estudo 44 docentes do concelho de Beja. Trata-se de uma investigação de carácter híbrido, ou seja, é um estudo exploratório, descritivo e de investigação para a ação. Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário, composto por questões abertas e fechadas. O tratamento dos dados foi feito através de análise de conteúdo e de estatística descritiva.

Após o tratamento e análise dos dados recolhidos verificou-se que existe uma necessidade de formação dos docentes inquiridos na área da sobredotação. Com base nas necessidades encontradas, foi elaborado uma proposta de intervenção.

Palavras-chaves: sobredotação, identificação, necessidades específicas, métodos pedagógicos, meios de intervenção

Abstract

Were part of this study 44 teachers in the municipality of Beja. It is an investigation of hybrid character, is an exploratory study, descriptive and research for action. The data were collected through the application of a questionnaire, composed of open and closed questions. The processing of data was done through content analysis and descriptive statistics.

After the treatment and analysis of the data collected has been found that there is a need for training of teachers surveyed in the area of giftedness. Based on the needs found, was elaborated a proposal for intervention.

Keywords: giftedness, identification, specific needs, teaching methods, intervention support

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	I
Dedicatória	II
Resumo	IV
Abstract	V
INTRODUÇÃO	1
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Capítulo I – A Sobredotação	4
1. O Conceito de Sobredotação	5
2. Modelos e Teorias sobre Sobredotação	6
2.1. Modelo dos Três Anéis da Sobredotação de Renzulli	6
2.2. Modelo Multi-fatorial de Sobredotação de Mönks	8
2.3. Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner	9
2.4. Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento de Gagné	10
3. A Sobredotação em Portugal	11
4. Mitos e Realidade	13
Capítulo II – Características dos Sobredotados	15
Capítulo III – O Aluno Sobredotado	20
1. O Sobredotado na Escola	21
2. Identificação do Aluno Sobredotado	22
3. Avaliação do Aluno Sobredotado	27
Capítulo IV – Intervenção Educativa em Alunos Sobredotados	29
1. A Inclusão dos Sobredotados nas Escolas Portuguesas	30
2. Problemas e Necessidades Escolares dos Sobredotados	31
Capítulo V – Apoio Escolar dos Sobredotados	33
1. Enquadramento Legal	34
2. O Papel do Professor	35
3. Consequências da Ausência de Apoio aos Sobredotados	38
Capítulo VI – Medidas Educativas Especiais	40
1. Adaptação e Diferenciação Curricular	41
2. Diferenciação Pedagógica	45
II PARTE – ESTUDO EMPÍRICO	47
Capítulo I – Metodologia da Investigação	48

1. Problemática e sua contextualização	49
2. Modelo de Investigação	50
3. Amostra	51
4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	51
5. Tratamento de Dados	53
Capítulo II – Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos	54
I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional	55
II – Experiências e Conhecimentos na Área da Sobredotação	58
Síntese	73
III PARTE – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	75
1. Diagnóstico de Necessidades	76
2. Proposta de Intervenção	77
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
APÊNDICES	87
Apêndice I – Versão inicial do questionário	88
Apêndice II – Avaliação do especialista	89
Apêndice III – Versão final do questionário	90
Apêndice IV – Análise de conteúdo dos questionários aplicados aos docentes	91

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo dos Três Anéis da Sobredotação de Renzulli (1978)	6
Figura 2 – Modelo Multi-fatorial de Sobredotação de Mönks (1988)	8
Figura 3 – O “Novo” DMGT 2.0 Gagné	11

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – O que devem e não devem fazer os professores (Serra, 2000)	36
Tabela 2 – Resultados a nível escolar, emocional e familiar da ausência de apoio do aluno sobredotado (Serra, 2004)	38
Tabela 3 – Representação do real; ideal e identificação das necessidades	77

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Género dos docentes inquiridos (Questão 1)	55
Gráfico 2 – Idade dos inquiridos (Questão 2)	56
Gráfico 3 – Formação profissional dos inquiridos (Questão 3)	57
Gráfico 4 – Tempo de serviço, em anos, dos inquiridos (Questão 4)	57

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Formação na área (Questão 5)	58
Quadro 2 – Formação realizada na área da sobredotação (Questão 5.1)	59
Quadro 3 – Necessidade de formação na área da sobredotação (Questão 6)	60
Quadro 4 – Formação que necessita na área (Questão 6.1)	61
Quadro 5 – Trabalho com crianças sobredotadas (Questão 7)	62
Quadro 6 – Número de crianças com quem trabalhou (Questão 7.1)	63
Quadro 7 – Necessidades específicas destes alunos (Questão 8)	63
Quadro 8 – Necessidades específicas dos alunos sobredotados/ características/ necessidades práticas dos docentes (Questão 8.1)	64
Quadro 9 – Métodos pedagógicos na intervenção destes alunos (Questão 9)	67
Quadro 10 – Métodos pedagógicos mais indicados na intervenção dos alunos sobredotados (Questão 9.1)	68
Quadro 11 – Conhecimento das modalidades de intervenção (Questão 10)	70
Quadro 12 – Modalidades de intervenção com alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa (Questão 10.1)	70
Quadro 13 – Conhecimento de associações na área (Questão 11)	71
Quadro 14 – Associações conhecidas na área da sobredotação (Questão 11.1)	71

Quadro 15 – Trabalho com alunos sobredotados (Questão 12)

72

INTRODUÇÃO

Na maioria das vezes, quando se fala em crianças com Necessidades Educativas Especiais, pensa-se nas crianças com dificuldades de aprendizagem e esquecem-se muitas vezes as mais dotadas. Hoje em dia, estas crianças também são consideradas crianças com Necessidades Educativas Especiais e perante a situação atual devemos cada vez mais debruçar-nos sobre esta temática.

Segundo alguns estudos mencionados por Guenther (2000) 3 a 5% da população mundial é constituída por sobredotados. No entanto, ainda não existem estudos nacionais que nos indiquem a sua prevalência em Portugal.

As crianças sobredotadas não constituem um grupo homogéneo e facilmente detetável em qualquer situação, sendo que cada criança traz consigo uma disposição única de traços, características e atributos, que advêm não somente da sua constituição e plano genético, como também de muitos fatores de influência presentes no ambiente a que é exposta dentro dos vários grupos a que pertence, sendo de realçar a importância da qualidade da interação entre fatores determinantes (Serra, 2008). Posto isto, será importante referir que o papel do professor é fundamental na identificação destas crianças e numa posterior prática pedagógica que valorize as suas capacidades. Este reconhecimento/identificação deve ser feito o mais precocemente possível para que sejam devidamente acompanhadas. Cabe ao sistema educativo saber proporcionar aos alunos experiências de aprendizagens significativas. A escola de hoje deverá facilitar tanto o aparecimento como o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. Deverá criar ambientes criativos, estímulos, recursos, oportunidades, em função das características e necessidades individuais. Para tudo isto ser possível deverá também ter-se em conta a formação adequada dos intervenientes educativos.

A realização do presente trabalho inscreve-se nesta perspetiva, pretendendo desenvolver uma investigação sobre os Conhecimentos e Prática de Professores do 1.º Ciclo no Âmbito da Educação de Crianças Sobredotadas.

Esta investigação encontra-se dividida em três partes, uma de componente teórica, outra de componente empírica e outra de componente prática. Na primeira apresenta-se um enquadramento teórico acerca da temática em estudo. Na segunda parte é apresentado o estudo empírico realizado. São apontados os pontos da problemática e sua contextualização; o modelo de investigação utilizado; as questões e objetivos; a amostra; quais as técnicas e instrumentos de recolha e tratamento de dados a utilizar. Por fim, na terceira e última parte deste trabalho, é apresentada uma proposta de intervenção/formação, junto da comunidade educativa, a realizar a docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, com base nos resultados obtidos com este estudo.

I PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I

A Sobredotação

1. O Conceito de Sobredotação

A definição de sobredotação não é unívoca nem consensual, deparando-se quem estuda esta problemática com a existência de um vasto leque de definições sobre este conceito. Segundo Oliveira (2007), tanto o conceito de sobredotação como o conceito de inteligência, têm sofrido evolução ao longo do tempo.

Durante muito tempo, o conceito de sobredotação esteve associado ao domínio cognitivo, relacionando-se, desta forma, com um elevado nível de inteligência e habilidade intelectual geral. As capacidades intelectuais eram analisadas com recurso a testes estandardizados de inteligência, sob um enfoque psicométrico, que pretendiam avaliar o Quociente de Inteligência (QI). De acordo com este critério, o sobredotado seria aquele que nos testes de inteligência obtinha resultados significativamente acima da média.

A partir da década de 60, com o avanço das investigações, o conceito de sobredotação sofreu alterações significativas. Reconhecem-se as limitações dos testes de QI e até esta década, imperou uma perspectiva de explicação associada a fatores intelectuais e hereditários; a partir daí, novas teorias sobre o conceito de inteligência permitiram uma nova visão quanto à sobredotação, como um constructo multidimensional, relacionando diversas áreas da capacidade e do talento (Oliveira, 2007).

A temática da sobredotação passou a ser alargada não só às áreas intelectuais e académicas mas também a outras áreas da expressão e da realização humana, temáticas muito presentes nas novas concepções de inteligência. Fica claro que existem muitas dificuldades na eleição de uma definição de sobredotação. Para muitos autores a criança sobredotada é aquela que apresenta precocidade a vários níveis. Segundo Serra (2005) a criança traz consigo uma combinação de características e atributos, não só de natureza

genética como também derivados dos fatores externos como a família, a escola e o grupo de pares onde está inserida. Juntamente com a sua composição genética o meio familiar (presente, disponível, atento e afetuoso), o meio escolar (promovendo ambientes criativos, estimulantes, metodologias adequadas, estratégias e diferenciação pedagógica) e o seu grupo de pares, são determinantes no equilíbrio e desenvolvimento das suas capacidades de modo a não caírem na frustração, desmotivação e problemas psicológicos e/ou fisiológicos que irão afetar os seus talentos e capacidades.

2. Modelos e Teorias sobre Sobredotação

2.1. Modelo dos Três Anéis da Sobredotação de Renzulli

Nos anos 70, Renzulli, investigador na área da sobredotação, concebeu um modelo designado por *Modelo dos três anéis da Sobredotação* (Cf. figura 1).



Figura 1 – Modelo dos Três Anéis da Sobredotação de Renzulli (1978)

De acordo com Renzulli a conceção deste modelo foi criada uma ponte para a avaliação, identificação e intervenção psicoeducativa dos alunos sobredotados. Renzulli evidenciou três grupos de características que interagem na sobredotação: *capacidade intelectual superior à média* (podem ser habilidades gerais; ou mais específicas, relacionadas com determinada área), *criatividade* (capacidade para resolver problemas de forma original) e *motivação ou envolvimento na tarefa* (altos níveis de interesses, interligados a uma motivação intrínseca).

Segundo Renzulli (1978) as *habilidades* são consideradas de *habilidades gerais* quando aplicadas a todos os domínios, como a inteligência global. Estas traduzem-se na capacidade de processar informação, na capacidade de pensamento abstrato e na interação de experiências novas. As *habilidades específicas* encontram-se relacionadas com a aquisição de conhecimentos, competências ou habilidades em realizar determinada atividade de forma mais específica.

Para este autor a *criatividade*, está diretamente relacionada com a aptidão que o sobredotado possui na resposta de forma eficaz e original às exigências da situação que lhe é apresentada.

Relativamente à *motivação* dos sobredotados, estes revelam um enorme empenho, dedicação, autoconfiança, perseverança e crença na sua capacidade pessoal, em realizar uma determinada atividade, numa área do seu interesse.

As crianças e jovens sobredotados e com talento são aqueles que possuem, ou são capazes de desenvolver, este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa da realização humana (Vilas Boas & Peixoto, 2003). Pode-se então dizer que para além da *inteligência*, também a *motivação* e a *criatividade* passam a ser percebidas como grandes variáveis associadas à sobredotação (Oliveira, 2007).

Contudo, só a interação entre estes três fatores permite a realização criativa/produktiva (Renzulli, 1978).

2.2. Modelo Multi-fatorial de Sobredotação de Mönks

Mais tarde, Mönks (1988) aproveitou o modelo de Renzulli e criou o *Modelo Multi-fatorial de Sobredotação* (Cf. figura 2), considerando a sobredotação como sendo o resultado das interações estabelecidas entre a criança e os fatores ambientais. Este modelo abrange a inter-relação entre seis fatores: a família, a escola e o grupo de pares, por um lado, e as capacidades acima da média, a criatividade e a motivação, por outro. Assim, os fatores sociais (família, escola e grupo de pares) vão influenciar diretamente os outros fatores característicos dos sobredotados. Esta influência poderá ter resultados positivos ou até mesmo negativos, sendo importante a intervenção especializada perto destes alunos para evitar/minimizar problemas sociais e emocionais (Mönks, 1994). Será importante referir que a interação apropriada destes seis fatores, permitirá um desenvolvimento equilibrado e harmonioso da criança.

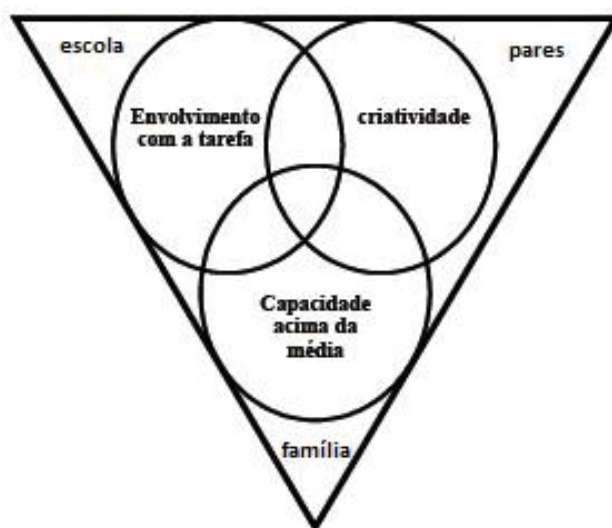


Figura 2 - Modelo Multi-fatorial de Sobredotação de Mönks (1988)

2.3. Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner

Gardner provou a existência de múltiplas componentes autónomas e independentes a integrar na noção de inteligência (Serra, 2004). Este investigador define a inteligência como sendo um potencial a desenvolver de acordo com as características do indivíduo e do meio onde está inserido (Gardner, 1999). Assim, a inteligência é vista numa perspetiva multidimensional, a mente humana é multifacetada, existindo múltiplas habilidades que conduzem a múltiplas inteligências, independentes umas das outras, que interagem entre si.

As inteligências apresentadas por Gardner são: *Inteligência Linguística* (capacidade de utilização e estruturação da linguagem, oral ou escrita); *Inteligência Lógico-Matemática* (capacidade de raciocínio matemático); *Inteligência Musical* (capacidade na realização, composição e apreciação de conteúdos musicais e na habilidade para discriminar, transformar e expressar padrões musicais, sensibilidade ao ritmo, ao tom e ao timbre); *Inteligência Corporal-Cinestésica* (habilidade na utilização do corpo, ou seja, capacidade em controlar os movimentos e manipular objetos com grande destreza); *Inteligência Espacial* (capacidade para compreender com precisão os estímulos visuais e espaciais, para reconhecer e manipular os padrões de um espaço amplo assim como de áreas restritas); *Inteligência Interpessoal* (capacidade para compreender intenções, motivações e desejos para depois saber lidar com outras pessoas, de uma forma adequada e mais eficaz); *Inteligência Intrapessoal* (relacionada com o conhecimento que a pessoa tem de si mesma: identificar e discernir os seus próprios sentimentos, emoções, desejos e aptidões, bem como os processos metacognitivos e a utilização correta dessa informação na regulação da própria vida) a *Inteligência Naturalista* (capacidade para compreender e desenvolver experiências com o mundo natural) (Oliveira, 2007).

De acordo com Oliveira (2007), Gardner defende uma visão pluralista da inteligência onde o indivíduo tem a possibilidade de se desenvolver e mudar, de acordo com o meio onde está inserido.

2.4. Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento de Gagné

Estudos realizados por Gagné levaram a dois conceitos muito diferentes, *Dotação* e *Talento*, que se devem ter bem presentes na área da sobredotação. Para este autor a *Dotação* (*gift* – dom ou dote), é a *capacidade natural*, hereditária, não aprendida ou treinada, em pelo menos um domínio de capacidade. Este conceito está diretamente relacionado com a facilidade com que o indivíduo aprende, é algo que nasce com ele. O *Talento* desenvolve-se ao longo de toda a sua vida onde as competências que a criança/indivíduo adquire ao longo desta, são sistematicamente desenvolvidas. É o *Talento* que permite o *Desenvolvimento e Talento Académico (DTA)* dos indivíduos. Para Gagné este conceito é extremamente importante pois, leva ao sucesso escolar, onde se verifica que o aluno *faz com excelência, dá na vista, é eminente, é um expert, é um prodígio* (Gagné, 2013). Este conceito “é a mestria notável de competências sistematicamente desenvolvidas (habilidades e conhecimento)” (Gagné, *op. cit.*).

O “Novo” DMGT 2.0 apresentado por Gagné (2008) (Cf. figura 3) diferencia quatro modelos de aptidão (capacidades naturais – *Dotação*): *intelectual, criativo, sócio-afetivo e sensório-motor*. Neste modelo, a aprendizagem e o treino destas aptidões, bem como a influência positiva de fatores ambientais, intrapessoais e da sorte, levam ao desenvolvimento de competências – *Talento*, que facultam o desenvolvimento de talento numa determinada área de realização.

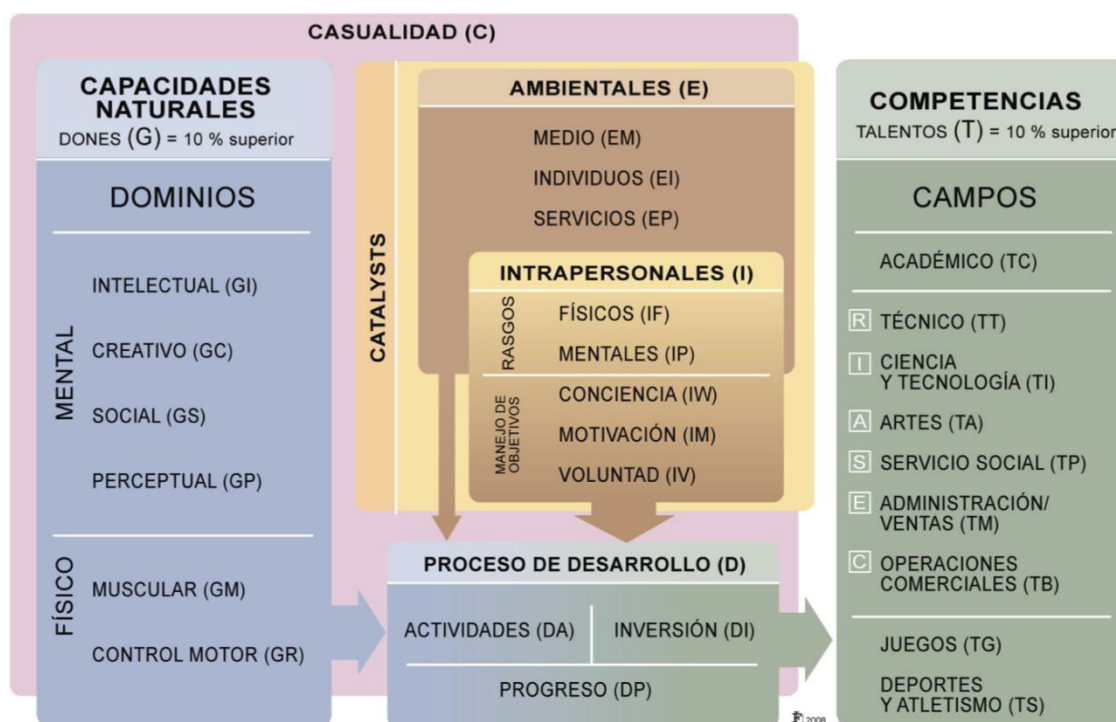


Figura 3 - O “Novo” DMGT 2.0 Gagné

Para Gagné (2013) o *Desenvolvimento de Talento Académico (DTA)* “é a transformação de notáveis dotes intelectuais em notável desempenho académico”. Existe assim uma dinâmica de desenvolvimento que se pode observar através do modelo acima, onde o *talento emerge através de interações complexas entre todos os outros componentes*. Tudo interage entre si e todas as componentes deste modelo têm efeito sobre si mesmas.

3. A Sobredotação em Portugal

Em Portugal, só após a década de 80 é que a problemática da sobredotação começou a ser alvo de preocupação junto de alguns pais e professores. Foi em 1986 que se realizou a *1.ª Conferência Internacional sobre Crianças Sobredotadas* cuja iniciativa partiu da *Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas – APCS*.

Só em 1998, o Ministério da Educação fez chegar às escolas do nosso país um projeto intitulado “Crianças e Jovens Sobredotados: Intervenção Educativa” com informações

referentes à caracterização e intervenção com alunos sobredotados (Senos & Diniz, 1998). Ainda nesse ano, foi criada outra associação, a *Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação – ANEIS*.

Desde 1986, com a Lei de Bases do Sistema Educativo que “é da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justiça e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares” (*in* Lei n.º 46/86 de 14 de outubro). Assim, todos os alunos, incluindo os sobredotados, deverão ter direito a uma resposta individual de forma a promover e desenvolver todo o seu potencial. No entanto, verificava-se que a legislação existente não abrangia os casos de alunos sobredotados. Mais tarde, com a redefinição do regime de educação especial (Decreto lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro) volta-se a verificar a mesma situação onde, dado que este decreto também não abrange estes alunos.

Posto isto, pode-se concluir que a legislação existente não é suficiente na resposta a alunos sobredotados. No Despacho normativo n.º 24 – A/2012, aquilo que mais recente se verifica é que a conclusão do 1.º ciclo de escolaridade pode ser feita em três anos se a criança tiver 9 anos de idade, e pode ainda transitar um ano de escolaridade, uma única vez, ao longo dos 2.º e 3.º ciclo de escolaridade.

Segundo Serra (2013a) devem ser criadas estruturas de base que promovam a inclusão e diferenciação destas crianças sobredotadas. Só assim conseguir-se-á promover o talento destes alunos.

4. Mitos e Realidade

Os mitos não passam de crenças populares sem qualquer fundamento objetivo ou científico. São difíceis de modificar depois de assumidos por uma comunidade. Segundo Serra (2013b).

“Os mitos são inibidores da intervenção adequada destas crianças e que muitas vezes, impedem os profissionais de educação de ir mais além.”

(Serra, 2013)

De acordo com Serra (*op. cit.*), na escola portuguesa os mitos persistem, e *são o maior obstáculo no caminho das crianças sobredotadas*. É importante sensibilizar a comunidade escolar para que os mal entendidos acerca destas crianças sejam abolidos de uma vez por todas, criando um ambiente saudável e harmonioso para todos.

Guenther (2000, *cit.* por. Maciel (2012)) apresenta alguns mitos e realidades associados às crianças sobredotadas.

Eles conseguem desenvolver-se sozinhos e sem ajuda. Não é totalmente verdade, pois muitas vezes estas crianças perdem o incentivo, ficam desmotivadas, não se empenham e tornam-se indisciplinadas, impedindo o desenvolvimento do seu potencial;

São fisicamente fracos e emocionalmente instáveis. Um mito falso. Existem crianças sobredotadas que tendem a ser fisicamente mais saudáveis e fortes. São um grupo de crianças mais estável emocionalmente comparado com as restantes crianças da mesma idade.

O que acontece algumas vezes, são dificuldades emocionais quando se verificam situações de forte pressão externa na criança por parte dos adultos e isso dificulta as suas relações com os adultos e com o seu grupo de pares.

O Bem Dotado nasce assim e nada pode modifica-lo, nem para mais e nem para menos.

Falso. A inteligência é uma característica que pode ser nutrida, modificada, recriada ou desenvolvida durante todo o processo de desenvolvimento da criança, depende dos fatores do meio onde está inserida.

Serra (2004) menciona mais alguns mitos a considerar.

Têm sempre bons resultados. Nem sempre se verifica.

São excecionais em tudo e rápidos na execução de qualquer tarefa. Não está correto.

Interessam-se por muitos assuntos mas também revelam dificuldades.

São uma minoria privilegiada no meio onde vivem. Falso. Como se sentem diferentes dos outros procuram isolar-se, excluindo-se socialmente.

Têm características idênticas entre si e são um grupo homogéneo. Não está correto. Tal como todas as outras crianças, também os sobredotados apresentam diferenças entre eles, na personalidade, nos interesses, nas competências e nas suas características.

Trabalhar de maneira diferente com os sobredotados é privilegiar uma elite, o que não é democrático. Educar todas as crianças da mesma forma é que não é democrático, não assegura o direito à diferença, nem valoriza os diferentes saberes e culturas.

Segundo Serra (2013a), o sistema educativo português apresenta lacunas, as escolas não possuem respostas adequadas e parece não haver preocupação relativamente às crianças com capacidades elevadas.

Os professores devem conhecer a criança e as suas potencialidades. Devem reconhecer os seus talentos e motivá-los a desenvolvê-los através de práticas de apoio apropriadas. Assim será dado o devido valor às suas capacidades e aumentará a sua auto-estima.

Capítulo II

Características dos Sobredotados

As características da sobredotação surgem quando as crianças são ainda muito pequenas. Segundo Serra (2013b) o professor e a escola têm a responsabilidade de tomar conta destas crianças e propor atividades que as estimulem.

É do conhecimento de todos que não existe um conjunto de características que permita abranger todas as crianças sobredotadas. No entanto, embora haja características comuns em algumas destas crianças não se pode generalizar. Segundo Guenther (2000), cit. por Serra (2004) as crianças sobredotadas apresentam diferentes tipos de talento: *talento académico; pensamento criativo; talento psicossocial e talento psicomotor*. Consoante o tipo de talento revelam-se indicadores comportamentais específicos agrupados nos seguintes domínios: *das aprendizagens; da motivação; da criatividade; da liderança e sociomoral*.

Serra (2004) apresentou características dos sobredotados em cinco domínios diferentes: *no domínio das aprendizagens; no domínio da motivação; domínio da criatividade; no domínio da liderança e no domínio sociomoral*.

No domínio das aprendizagens:

- vocabulário avançado para a idade e para o nível escolar;
- hábitos de leitura independente, às vezes, por iniciativa própria;
- domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos;
- fácil compreensão de princípios subjacentes;
- capacidade para generalizar conhecimentos, ideias ou soluções;
- resultados e/ou conhecimentos excecionais numa ou mais áreas de atividade ou de conhecimento.

No domínio da motivação:

- tendência em iniciar as suas próprias atividades;

- persistência na realização e na finalização de tarefas;
- busca da perfeição;
- desmotivação perante tarefas de rotina.

No domínio da criatividade:

- curiosidade elevada perante um grande número de coisas;
- originalidade na resolução de problemas e no relacionamento de ideias;
- pouco interesse pelas situações de conformismo.

No domínio da liderança:

- auto-confiança e sucesso com os pares;
- tendência em assumir a responsabilidade nas situações;
- fácil adaptação às situações novas e mudanças de rotina.

No domínio sociomoral:

- preocupação com problemas do mundo;
- ideias e ambições muito elevadas;
- juízo crítico em relação a si próprio e aos outros;
- interações sociais mais direcionadas para crianças/jovens mais velhos e/ou adultos.

Não é tarefa nada fácil identificar estes alunos. Segundo Brumbaugh (1977), citado por Novaes (1979, *cit.* por Serra 2004) os comportamentos a seguir indicados contribuem para a sua identificação:

- anda e fala mais cedo do que a maioria das crianças da sua idade;
- evidencia uma apetência precoce pelas palavras e pelos números;
- possui um vocabulário exceccionalmente extenso para a sua idade;

- observa, de forma atenta e pormenorizada, tudo o que a rodeia;
- pode expressar curiosidade por muitas coisas;
- questiona, insistentemente, tudo e todos;
- revela mais energia e vigor do que as outras crianças da sua idade e sexo;
- tende a associar-se a crianças mais velhas do que ela;
- age como líder entre as crianças da sua idade; memoriza com muita facilidade;
- raciocina de forma excecional;
- organiza e planifica, com muito cuidado, as suas iniciativas;
- relaciona a informação já adquirida com os novos saberes emergentes;
- demonstra preferência por atividades criativas e inovadoras;
- pode concentrar-se durante muito tempo e sem se aborrecer na execução de uma determinada tarefa;
- demonstra persistência perante dificuldades inesperadas;
- cria as suas próprias soluções para problemas que surjam;
- preocupa-se muito com o certo e o errado, o bom e o mau;
- revela um sentido de humor avançado para a sua idade;
- percebe o humor em situações que não são humorísticas para os outros;
- avalia e julga acontecimentos, pessoas e coisas;
- é sensível a injustiças, tanto a nível pessoal como social;
- interessa-se por atividades variadas: desenho, pintura, dança, escrita, música, informático, entre outras;
- percebe diferenças subtis de tonalidade, de timbre, de sonoridade e de duração, entre tons musicais;
- esforça-se por atingir a perfeição;
- conta histórias dramáticas ou descreve situações ricas em pormenor.

No entanto, não se pode universalizar, ou seja, o que se verifica numas crianças poderá não se verificar noutras. Será imperativo valorizar:

“aspetos marcantes da experiência de vida acumulada na escola, na família e no meio envolvente; pistas de interesse, de maior motivação, de gosto pela pesquisa que se afirmem mais claramente; expectativas e projeções futuras, num horizonte direcional de consciência ou que, de alguma forma, expressam.”

(Serra, 2004: 24)

No geral, poder-se-á então dizer que uma criança sobredotada é aquela que apresenta um desenvolvimento precoce, aprendendo mais cedo e rapidamente do que as restantes crianças da sua faixa etária. Para Winner (1996), estas crianças possuem uma motivação interior que conduz a uma enorme sede de conhecimento e persistência nas atividades que lhes despertam interesse. Este autor refere ainda uma enorme dedicação às tarefas que realizam, muitas vezes de forma obsessiva.

Deve-se então, conhecer bem a criança para que o seu percurso educativo seja o mais orientado, de acordo com as suas necessidades.

Capítulo III

O Aluno Sobredotado

1. O Sobredotado na Escola

O aluno sobredotado apresenta um conjunto de características especiais que pressupõe, por parte da escola, o desenvolvimento de condições especialmente adaptadas, com o objetivo de promover a integração escolar, familiar e social destas crianças.

O aluno sobredotado é aquele que se destaca, devido ao seu desempenho excecional numa determinada área, ou conjuntamente, em diversas áreas. Tem uma capacidade acima da média e apresenta caraterísticas e necessidades próprias.

Na opinião de Serra (2001, *cit.* por Serra, 2004) o aluno sobredotado:

«(...) é visto como alguém que possui um conjunto de vincadas caraterísticas pessoais, entre as quais se salientam: perceção e memória elevadas, raciocínio rápido, habilidade para concetualizar e abstrair, fluência de ideias, flexibilidade de pensamento, originalidade e rapidez na resolução de problemas, superior inventividade e produtividade, elevado envolvimento na tarefa, na persistência, entusiasmo, grande concentração, fluência verbal, curiosidade, independência, rapidez na aprendizagem, capacidade de observação, sensibilidade e energia, auto-direção, vulnerabilidade e motivação intrínseca.»

(Serra, 2004)

Segundo esta autora (Serra, 2004) existe uma necessidade crescente por parte dos professores para serem capazes de identificar e desenvolver estratégias o mais adequadas possíveis e que respondam adequadamente às necessidades destas crianças.

Segundo Freeman & Guenther (2000)

«Sobredotados (...) são aqueles alunos que demonstram níveis de desempenho excecionalmente altos, seja numa amplitude de realizações ou em uma área delimitada, e aqueles cujo potencial para alcançar excelência não foi reconhecido por testes ou por autoridades educacionais.»

(Freeman & Guenther, 2000: 23)

Em contexto escolar, apesar de se aceitar a sobredotação numa perspetiva multidimensional, ainda se valorizam os processos cognitivos associados à aprendizagem. Serra (2004) refere que independentemente de não haver consenso quanto à definição de sobredotação, o cérebro de uma criança de seis anos pode funcionar muito além dessa idade cronológica, mas não deixa de pertence a um corpo de seis anos, com emoções próprias dessa idade. Assim, enquanto profissionais de educação devemos ter atenção às expectativas criadas em volta das capacidades da criança, não esquecendo as suas outras dimensões como pessoa. Tal como referido anteriormente, o meio envolvente pode potenciar ou inibir o desenvolvimento das capacidades destas crianças.

2. Identificação do Aluno Sobredotado

O processo de identificação destes alunos não é tarefa fácil, existem diferentes conceitos de sobredotação e as características apresentadas por estes alunos diferem bastante.

Nos dias que correm, a maioria destes alunos não são devidamente identificados tanto por pais como professores, devido à falta de informação e conhecimento das diferentes e diversas características dos sobredotados. Muitas vezes é também confundida a precocidade da criança com sobredotação. Segundo um estudo de Feldman e Goldsmith (1986, *cit.* por Guenther, 2011) em “Os seis prodígios de Nova York” (onde nenhuma das crianças prodígio estudadas alcançou destaque na vida adulta) a precocidade por si só não é garantia de alta capacidade.

É principalmente na primeira fase do ensino básico, entre os 6 e 10/11 anos, que se deve estar desperto à revelação de determinados comportamentos e atitudes destas crianças, de forma a se conseguir identificar as suas altas habilidades. A monodocência em sala

de aula facilita a observação das crianças e permite uma melhor identificação de potencial elevado.

Guenther (2011) enunciou quatro domínios possíveis de observar, em sala de aula, que remetem para uma fácil identificação de possíveis crianças sobredotadas:

- Domínio da inteligência:
 - facilidade para aprender o que é ensinado, sem precisar repetição e fixação;
 - boa memória e facilidade para guardar o que aprende;
 - bom acervo de conhecimentos e informações sobre muitos assuntos, criança que sabe muitas coisas, gosta de aprender nas aulas e em outras situações;
 - curiosidade, interesses variados, pergunta, presta atenção e descobre temas novos com que se desenvolve com entusiasmo;
 - vivacidade, sintonia, criança ativa, atenta, “ligada”, perspicaz...
 - percepção, observação, repara em tudo o que acontece e faz comentários pertinentes;
 - senso de humor, criança engraçada, “arteira”, faz e diz coisas imprevistas, inventa maneiras originais de passar ideias, e se comunicar;
 - boa verbalização, criança falante, conversadora, com bom vocabulário e clareza ao fazer uma exposição, observação ou comentário.
- Domínio da criatividade:
 - produção superior em artes e educação artística;
 - senso crítico, tanto na crítica aos outros como consigo próprio;
 - distração, tédio, pouco interesse nas aulas, boceja, reclama que o professor “ensina sempre a mesma coisa”;
 - apurada acuidade de observação e percepção, principalmente em ambientes abertos, excursões e atividades fora da sala;

- originalidade, autenticidade, fluência, muitas ideias dentro de um mesmo tema, produz objetos e ações diferentes e próprios;
- pensamento global, holístico, aparentemente dá pouca atenção a detalhes, mas tem percepção do todo em sentido mais amplo;
- intuição e pensamento intuitivo, parece tirar ideias do nada, e pode compreender em profundidade uma situação complexa;
- sensibilidade e combinações e nuance de cores, sons, formas; perceção em grandes configurações, parecendo enxergar “tudo de uma vez”;
- respostas inesperadas e pertinentes, nem sempre bem humoradas, pois podem ser observações cáusticas ou irreverentes.

- Domínio de capacidade sócio-afetiva:

- gosto em participar em atividades extracurriculares, interesse em organizar passeios, festas, excursões, teatros, feiras, concursos, exposições, mesmo quando não é a figura central;
- presença participativa em tudo o que acontece, como palestras, reuniões, competições desportivas, visitas, campanhas ...
- sensibilidade e bondade para com os colegas, é atenta às necessidades dos outros, empresta material, procura ajuda para quem precisa;
- preocupação com o bem estar dos outros;
- simpatia, amizade, boas relações com colegas e professores, os outros gostam dela, ...
- liderança, persuasão, percebe os desejos do grupo em que participa, tem boas ideias que geralmente são aceites;

- capacidade de passar energia e motivação para o grupo, de contagiar e atrair os outros para suas ideias e planos;

- segurança e autoconfiança dentro do grupo, confia, respeita os outros, é aceita e respeitada por colegas de outros grupos.

- Domínio da capacidade física:

- boa coordenação motora, traços firmes, movimentos coordenados, bom controle motor na escrita, desenho, pintura, colagem, artesanato, ...

- bom desempenho em dança e formas de expressão corporal, criança bem articulada, move-se com precisão, ritmo e graça;

- habilidades manuais e motoras;

- desempenho superior em suportes e exercícios físicos;

- velocidade, força, agilidade, além de gosto e dedicação a atividades físicas, participa e alcança pontuação alta nas competições.

As questões atinentes à identificação das crianças sobredotadas passa também pela problemática da definição do conceito de sobredotação que é utilizado bem como das técnicas e instrumentos de avaliação que são aplicados.

De acordo com Guenther (*op. cit.* 2011) ainda hoje se aplicam testes de QI que indicam a relação possível entre a idade cronológica e a idade mental. Através do resultado destes testes saber-se-á se a criança possui capacidade elevada ou dotação, sendo definida por um número de pontos arbitrariamente determinado. No entanto, estes testes sempre retrataram o que a criança aprende no ambiente onde está inserida não retratando a sua *capacidade de aprender*. Assim, “o QI só identifica os alunos dotados

que aprenderam no ambiente as informações pedidas pelo teste” (Guenther, 2011). Posto isto, segundo esta autora, a forma ideal para captar a capacidade natural de um aluno sobredotado será a observação de como ele percebe, aprende, responde e age em ambiente escolar.

Segundo Almeida & Oliveira (2000) a identificação de alunos sobredotados necessita, não só do contributo dos pais, educadores, professores como de psicólogos.

“A identificação dos alunos sobredotados não é tarefa fácil. Ela exige, por exemplo, o contributo dos pais, educadores, professores e psicólogos. Podemos aqui falar de uma fase inicial de despiste (avaliação de *screening*), e numa fase posterior de diagnóstico mais aprofundado (fase de identificação, confirmação e explicação). Claro está que, para a primeira fase de sinalização, importa sensibilizar e preparar os pais e os profissionais de educação que lidam diariamente com a criança”.

(Almeida & Oliveira, 2000: 48)

Neste caso, está-se perante uma equipa de profissionais onde o contributo de todos é essencial no processo de identificação do aluno sobredotado.

Do nascimento à pré-adolescência marca-se o período mais propício na identificação de crianças sobredotadas pois, nesta altura as crianças possuem pouca experiência de vida, poucas aprendizagens e poucas conexões formadas, realçando a facilidade de aprender e expressar o seu conteúdo interno de forma simples e espontânea.

Desta forma, será imperativo conhecer-se bem o aluno e tentar ir ao encontro das suas potencialidades.

3. Avaliação do Aluno Sobredotado

Tal como referido no ponto anterior, a avaliação destes alunos passa também pela definição de sobredotação e pelos instrumentos utilizados para esse fim.

Durante muito tempo eram apenas tidas em conta as habilidades cognitivas na identificação e avaliação dos sobredotados e recorria-se aos testes de QI e de inteligência. Era uma avaliação que se baseava apenas no raciocínio logico-abstrato e nas habilidades de aprendizagem escolar. Nos dias de hoje, esta avaliação não favorece a sinalização dos alunos sobredotados pois, é insuficiente na deteção de capacidades/habilidades destes alunos (Almeida *et al*, 2001).

O trabalho dos pais, professores e profissionais de educação deve ser um trabalho cooperativo no processo de identificação e avaliação do aluno. Através do trabalho de todos será possível identificar as suas habilidades e competências, bem como sinalizar as suas necessidades, de modo a maximizar o seu potencial, e enriquecer o seu desenvolvimento, contribuindo para o bem estar pessoal e social da criança.

De acordo com Almeida & Oliveira (2000), existem uma série de instrumentos de identificação de alunos sobredotados tais como:

- Provas psicológicas standardizadas na área cognitiva;
- Provas académicas de incidência curricular;
- Escalas de observação para pais e professores;
- Redação de ensaios breves (tarefas específicas);
- Inventários e testes de criatividade;
- Grelhas para entrevistas de anamnese;
- Apreciação de produções no domínio das artes;

- Escalas de autoavaliação (personalidade, autoconceito);
- Grelhas de observação direta da realização;
- Relatos sobre “histórias de aprendizagem”;
- Escalas de motivação e ocupação dos tempos livres.

Para Serrano (1995) na identificação/avaliação de alunos sobredotados podem utilizar-se dois tipos diferentes de avaliação: *subjativa* e *objetiva*. Na avaliação subjativa recorre-se a informações fornecidas pelos pais (nascimento, desenvolvimento psicomotor, cognitivo, história escolar, etc.) e professores (capacidade intelectual, desenvolvimento sócio-pessoal, criatividade, capacidade de liderança, etc). Na avaliação objetiva são realizados testes psicométricos por especialistas.

Existem vários testes que podem ser aplicados para avaliar as capacidades das crianças sobredotadas. No entanto, e tendo em consideração as limitações destes testes, deve-se utilizar a informação recolhida por estes, apenas como um complemento da avaliação subjativa.

Capítulo IV

Intervenção Educativa em Alunos Sobredotados

1. A Inclusão dos Sobredotados nas Escolas Portuguesas

A escola inclusiva confronta-se com a necessidade de ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada nas necessidades e características específicas de cada criança e de educar todas com sucesso. Isto implica uma maior competência profissional dos professores e projetos educativos mais vastos e diversificados. Segundo Serra (2013b) estas crianças devem ser inseridas em turmas de bom nível. Um aspeto fundamental na escola é o desenvolvimento de atividades em grupo, pois estes alunos têm de se socializar pela afetividade e pelo jogo. A *Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas – APCS* está empenhada em criar mini equipas, em todos os agrupamentos, com psicólogos, e professores de várias áreas científicas que possam intervir e identificar estas crianças.

Sabe-se que a criança sobredotada apresenta um conjunto de características especiais que pressupõe, por parte da escola, o desenvolvimento de condições especialmente adaptadas, proporcionando um ensino diferenciado, ao nível da organização e planeamento do processo ensino-aprendizagem com o objetivo de promover a integração escolar, familiar e social destas crianças.

A escola como instituição educativa deverá proporcionar, de um modo geral, condições favoráveis ao desenvolvimento harmonioso dos alunos sobredotados. Para que isso se verifique é necessário que haja políticas educativas inclusivas que permitam na prática organizar os apoios necessários a prestar a estes alunos de modo a não se sentirem excluídos nem marginalizados. Segundo Aranha (*cit. por Maciel, 2012*)

“A escola inclusiva não será promovida somente com a inserção de alunos portadores de necessidades educacionais especiais em salas do ensino regular. Há que se garantir a acessibilidade, que se adquirir os instrumentos, equipamentos e materiais necessários para o ensino, que se preparar os professores, que se estabelecer os critérios e normas do

funcionamento inclusivo, tarefas que não são da competência, nem da possibilidade de ação única do professor.”

(Aranha, 2002: 27)

Para que a inclusão dos alunos sobredotados aconteça nas escolas atuais, terá de haver uma reorientação das intenções educativas no sentido de juntar esforços contra a exclusão destas crianças. Dadas as necessidades específicas destes alunos, deve ser criada legislação que abarque também estas crianças. Será importante construir uma escola de todos e para todos, uma escola inclusiva.

2. Problemas e Necessidades Escolares dos Sobredotados

Como foi referido anteriormente, as crianças sobredotadas possuem traços e características muito próprias, requerendo necessidades educativas especiais. Ou seja, são crianças que na maioria das vezes passam despercebidas e apresentam desmotivação e falta de interesse pela escola. De acordo com Oliveira (2007), pensa-se que sem um estímulo adequado e um programa educativo delineado na escola, os alunos sobredotados correm o risco de fracasso escolar. Pois a crença de que os alunos com altas habilidades demonstrarão sucesso, independentemente das suas experiências educativas é completamente errado.

Perez (2003, *cit.* por Rosa, 2009) refere que as necessidades educativas destes alunos assentam nos seguintes aspetos:

- 1.º realização de um diagnóstico precoce e intervenção atempada;
- 2.º implementação de adaptações curriculares;
- 3.º intervenção sócio emocional;

4.º atenção e intervenção com as famílias destes alunos.

Assim, poder-se-á afirmar que estas crianças, necessitam de apoio tanto a nível escolar como familiar. Se as condições necessárias, na intervenção educativa destes alunos, não forem criadas de forma eficaz, não se contribuirá para o seu sucesso na sua aprendizagem pois, tal como Serra (2013b) refere, estas crianças serão “criadas às margens da sociedade” sem resposta às suas necessidades. É imperativo reconhecer estas crianças para se minimizarem possíveis conflitos entre eles e a escola.

Sabe-se que a grande maioria das escolas do nosso país, não se encontra preparada para atender às necessidades destes alunos, os atuais professores não possuem formação especializada na área, e existem muitas lacunas na identificação e reconhecimento destas crianças. Ora se assim é a realidade dos estabelecimentos de ensino, o não atendimento devido a estes alunos vai despoletar um desequilíbrio no seu desenvolvimento global. Observam-se situações de desinteresse, desmotivação, frustração associados a problemáticas a nível psicológico e/ou fisiológico.

Segundo Pereira (*cit.* por Rosa, 2009), os alunos sobredotados são alunos com NEE que nem sempre necessitam de apoio permanente da Educação Especial, desde que o atendimento das suas necessidades seja colmatado com uma intervenção pedagógica adequada e atempada, tanto na escola como no meio familiar.

Capítulo V

Apoio Escolar dos Sobredotados

1. Enquadramento Legal

Segundo Guenther (2000), citado por Serra (2004), um programa de educação para sobredotados deve prever uma estrutura que permita a aceleração, a complexidade e o aprofundamento, além de todo o material suplementar necessário. Como estas crianças possuem uma enorme facilidade de retenção de informação e utilização da mesma, levam a uma significativa rapidez de aprendizagem. Estas crianças possuem uma memória fenomenal, guardam tudo o que aprendem e quando há matéria nova, depressa atingem novos conhecimentos.

Em Portugal as crianças sobredotadas podem beneficiar, nas escolas, de um plano de desenvolvimento que individualiza o currículo e as estratégias pedagógicas no quotidiano escolar. O Despacho normativo n.º 24-A/2012 (artigo 25.º *Casos especiais de progressão*), prevê a possibilidade mais rápida de transição de ano para estas crianças, sempre que isso se justifique. De acordo com este despacho permite-se ao aluno concluir o 1.º ciclo em três anos com 9 anos de idade e poder ainda, “saltar” um ano no 2.º e 3.º ciclo de escolaridade.

Segundo Senos & Diniz, (1998) são possíveis três distintas modalidades de intervenção com os alunos sobredotados: *a aceleração* – conclusão antecipada de um determinado ciclo de estudos; *os grupos de competência ou de nível* – é a criação de escolas ou turmas só com alunos com altas capacidades e *o enriquecimento* – que se trata da integração do aluno numa turma regular, onde se aplica um plano de desenvolvimento, previsto no Despacho Normativo n.º50/2005, de 9 de novembro, mobilizando recursos educativos de forma a possibilitar-lhe um melhor acompanhamento.

Para que tudo isto se possa verificar nas escolas, terão de existir profissionais com formação adequada, meios materiais onde possam recorrer e acesso a recursos de

natureza científico pedagógica para uma dinamização estimulante levando ao desenvolvimento das altas capacidades dos alunos sobredotados.

2. O Papel do Professor

É na escola que a criança passa a maior parte do seu dia e é muitas vezes o seu professor que deteta as suas capacidades ou altas habilidades. O professor tem a oportunidade de poder observá-la em diferentes contextos, ou seja, na sala de aula em contexto de aprendizagem, na relação com os colegas e na relação com outros professores e auxiliares.

“A principal contribuição do professor está na condução do processo de reconhecer e identificar os alunos, isto é, é ele quem faz a observação e registo dos sinais de capacidade e depois a análise e interpretação dos dados coletados...”

Guenther (2012: 102)

Para que o professor consiga realizar uma observação avaliativa do comportamento de alunos sobredotados ele terá primeiramente de estar sensibilizado para a temática da sobredotação.

O professor deverá conseguir observar o aluno e verificar quais as suas áreas fortes. Posteriormente, irá verificar como estas poderão ser aproveitadas indo ao encontro dos conteúdos programáticos de forma a planificar as atividades a realizar, promovendo as capacidades, interesses e necessidades da criança.

Os autores Vilas Boas & Peixoto (2003 p. 54) mencionaram as posturas que o professor deve ter em consideração, na promoção do desenvolvimento de alunos sobredotados:

- ajudar os alunos a tornarem-se mais sensíveis aos estímulos do meio que os rodeia;
- valorizar o seu pensamento criativo;
- incentivar a manipulação livre de objetos e ideias;

- desenvolver a tolerância a ideias novas;
- ajudar a criança a desenvolver as suas próprias ideias;
- dar informações acerca dos processos criativos;
- providenciar formas de trabalhar as ideias existentes;
- encorajar o hábito de resolver na totalidade as implicações das ideias existentes;
- desenvolver o espírito de crítica construtiva em vez de apenas criticar;
- incentivar desde cedo a aquisição de conhecimentos numa grande variedade de áreas.

É sem dúvida um trabalho difícil o do professor. Ele não passa de um mediador/facilitador no processo de ensino aprendizagem de alunos sobredotados.

Ainda segundo estes dois autores (Vilas Boas & Peixoto, 2003), o professor especializado na área da sobredotação deverá ser criativo, organizado, sincero, entusiasta, flexível e possuir um alargado conhecimento na área de modo a conseguir implementar estratégias adequadas no ensino especial destas crianças.

Serra (2000) evidenciou algumas atitudes que o professor deve e não deve ter em sala de aula. No quadro abaixo encontram-se descritas estas atitudes.

PROFESSORES Devem	PROFESSORES Não devem
Estar atentos e observar a criança nos diferentes domínios e momentos da sua vida diária	Propor tarefas rotineiras e/ou não desafiantes.
Confrontar as suas observações com informações fornecidas pelos pais.	Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo.
Recorrer a técnicos especializados na área em que a criança mostra mais aptidões para desenvolver melhor as suas capacidades	Sentir-se “ameaçados” pelo seu nível de conhecimentos e tipo de questionamentos.
Fazer formação para adequar as	Tirar conclusões a partir de um

metodologias às necessidades do aluno.	determinado tipo de dados.
Promover constantemente a sua integração social.	Utilizar metodologias pouco diversificadas.
Manter o contacto frequente com os pais do aluno.	Criar expetativas exageradas, nem subvalorizar a situação.
Praticar a diferenciação positiva.	Exibir a criança e os seus dotes.
Promover um clima de confiança entre professor e aluno.	Ignorá-la ou culpabilizá-la por questionar e querer aprender tudo mais rapidamente (embora, por vezes, se torne cansativo).
Suscitar a curiosidade do aluno e estimular a criatividade e fantasia.	Impedir que, nas aulas, o aluno coloque questões pertinentes e exponha o seu ponto de vista.

Tabela 1 – O que devem e não devem fazer os professores (Serra, 2000)

Assim sendo, pode-se então dizer que o trabalho do professor é extremamente importante na orientação destes alunos. As atividades realizadas a pensar nestas crianças, deverão ser preparadas e aplicadas de forma a gerar um equilíbrio a nível geral, no sobredotado.

Assim como acontece no programa *Sábados Diferentes* (realizado no Pólo de Beja), a colaboração inicial é feita pelos professores. O professor tem um papel fundamental na identificação destes alunos, podendo proporcionar-lhes o melhor e mais adequado acompanhamento possível após o seu reconhecimento.

Pode-se contar também com a *Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação* (ANEIS) e o *Centro Português para a Criatividade Inovação e Liderança* (CPCIL), que procuram também fornecer um melhor acompanhamento às crianças e jovens sobredotados.

3. Consequências da Ausência de Apoio aos Sobredotados

Segundo Serra (2004, p.39) “a escola, sempre que possível, deve implementar estratégias de diferenciação pedagógica, quer ao nível da organização e do planeamento do processo de ensino/aprendizagem dos alunos sobredotados, quer ao nível do desenvolvimento de competências sociais, promotoras do exercício da cidadania, na perspetiva do *aprender a viver juntos*. Se assim não for, as múltiplas e diversas interações que o aluno sobredotado desenvolve no seu quotidiano escolar podem-no “fragilizar” em vários níveis. A nível sócio emocional, a nível escolar e a nível familiar podem-se verificar as situações descritas na seguinte tabela.

Nível sócio emocional	Nível escolar	Nível familiar
- irritabilidade;	- baixos resultados;	- agressividade;
- sentido de inferioridade;	- atitude negativa;	- instabilidade emocional;
- culpabilização externa;	- apatia;	- isolamento;
- isolamento;	- desatenção;	- arrogância;
- baixa auto-estima;	- irreverência;	- intolerância;
- rejeição de valores;	- falta de persistência;	- desobediência;
- descrença em si próprio;	- culpabilização dos	- infelicidade;
- passividade;	professores pelos	- sentimento de rejeição.
- tendências suicidas;	insucessos;	
- procura de marginalidade.	- desinteresse;	
	- hiperatividade;	
	- preferência pelos grupos	
	marginais.	

Tabela 2 – Resultados a nível escolar, emocional e familiar da ausência de apoio do aluno sobredotado (Serra, 2004)

Posto isto, todo e qualquer aluno sobredotado pode mostrar problemas nos seus relacionamentos interpessoais, no grupo de pares, em meio escolar ou familiar. A comunidade educativa deverá estar alerta para estes casos e saber intervir nestas situações. Para isso, tentar-se-á minimizar os desajustes que poderão inibir o desenvolvimento harmonioso da criança sobredotada. Outro suporte básico para além da escola é a família, as duas devem evitar a entrada destes alunos no mundo da marginalidade.

Capítulo VI

Medidas Educativas Especiais

1. Adaptação e Diferenciação Curricular

Como foi referido anteriormente, existem diferentes formas de apoio para crianças e jovens sobredotados. Estas formas de apoio referem-se a um atendimento educativo especializado que correspondem a um agregado de estratégias educativas a que os docentes podem recorrer de modo a dar resposta às necessidades destes alunos. Destacam-se: *a aceleração; o agrupamento; o enriquecimento.*

Todas estas estratégias educativas devem complementar-se na sua utilização, nunca isoladamente, de maneira à obtenção de resultados mais positivos. Após o estudo pormenorizado da criança no seu desenvolvimento dever-se-á elaborar um plano com as medidas educativas a implementar, de acordo com as necessidades levantadas. Segundo Aranha (2002, *cit.* por Maciel, 2012) o plano do aluno deverá conter:

- características de aprendizagem do aluno;
- necessidades educativas do aluno;
- adaptações curriculares, objetivos e métodos educativos e as formas de avaliação, bem como as metas de aprendizagem a atingir.

Toda esta adaptação curricular tem como finalidade ajustar as necessidades do aluno às suas capacidades e interesses, nunca esquecendo aspetos relacionados com o seu desenvolvimento afetivo e social.

1.1. Aceleração

Esta estratégia educativa permite ao aluno acelerar o seu processo de aprendizagem durante um ano de escolaridade. Este ano de aceleração pode corresponder a um ano ou mais anos de níveis de conhecimentos, equiparados com os seus. Segundo Vilas Boas & Peixoto (2003) esta estratégia é considerada rápida e económica, permitindo o

aproveitamento dos recursos e infraestruturas disponíveis, onde é apenas exigido um empenho de ordem burocrático-administrativa.

De acordo com Vilas Boas & Peixoto (2003) esta estratégia facilita o desempenho escolar do aluno precoce a nível de conhecimentos cognitivos, contribuindo para a aprendizagem de novos conteúdos, mais desafiantes e coloca de parte a frustração e desinteresse por conteúdos já apreendidos.

Segundo estes autores (Vilas Boas & Peixoto, 2003), esta estratégia também pode apresentar alguns inconvenientes tais como: o aluno estar com colegas de idades diferentes; o seu grau de maturidade emocional e social pode não acompanhar o seu nível de maturidade; poderá verificar-se uma rotulagem negativa ao nível dos pares, dos professores e da restante comunidade educativa e a aceleração pode não ocorrer a nível de todas as áreas académicas.

Como já foi referido anteriormente, a legislação portuguesa prevê a aceleração de dois anos letivos ao longo de todo o seu percurso escolar e antecipar a entrada escolar no 1.º Ciclo quando a criança revela precocidade acentuada a nível cognitivo.

Em suma, este programa permite o avanço a partir de um ritmo mais rápido; pode ser utilizado em qualquer instituição educativa; promove a motivação de alunos sobredotados; promove a sua produtividade; é rápido e económico; permite mais rapidamente o ingresso na vida profissional e ainda ajuda a desenvolver potencialidades, no entanto, pode não garantir a necessária maturidade emocional e social do aluno. Trata-se de um programa que divide opiniões entre a comunidade educativa. Todo o sucesso desta estratégia está dependente de inúmeros fatores: sistema educativo; escola; professores; alunos; características individuais do aluno sobredotado.

Para que os resultados da aplicação desta estratégia se verifiquem terá de haver toda uma equipa com formação na área.

1.2. Agrupamento

O agrupamento, de acordo com Vilas Boas & Peixoto (2003), é uma estratégia educativa que permite agrupar alunos de acordo com as suas habilidades e capacidades. Aqui é aplicado um programa ajustado ao nível de cada grupo de alunos sobredotados.

Segundo estes autores, o principal objetivo desta estratégia é agrupar alunos detentores de determinadas características cognitivas e de aprendizagem parecidas, com a finalidade de potenciar a sua motivação e rendimento aplicando um currículo e uma metodologia homogénea.

Ainda segundo estes autores, reconhecem-se os resultados positivos deste programa no entanto, verificam-se algumas desvantagens: é necessário existir uma equipa especializada na área com acesso a vários materiais; a seleção de grupos deve ser muito cuidadosa para que não haja mistura de características distintas de excecionalidade e em determinadas escolas. Este agrupamento pode criar uma certa segregação social que leva posteriormente a uma relação apenas com alunos do seu grupo.

1.3. Enriquecimento

De acordo com Vilas Boas & Peixoto (2003), os programas de enriquecimento são os mais utilizados de entre as medidas educativas para crianças e jovens sobredotados. Oferecem um maior número de oportunidades para desenvolverem os seus potenciais e também contribuem para a motivação das suas aprendizagens escolares. Trata-se de um ensino personalizado onde é realizada uma *adaptação curricular individual*, tendo em conta as necessidades educativas especiais do aluno, mantendo-o no seu grupo turma e sem sobrecarregar o seu horário letivo.

Segundo estes autores, através deste programa o professor da turma tem a tarefa de orientar o aluno encaminhando-o a explorar mais os conteúdos e avançar de forma progressiva na sua aprendizagem. Tem-se verificado também, por parte de algumas associações a implementação destes programas de enriquecimento que são complementados por estas instituições e pela própria família do aluno. Esta estratégia consiste na elaboração de vários programas educativos individualizados ou em pequeno grupo, aplicados fora do horário letivo, potencializando o desenvolvimento global do sobredotado.

Para Renzulli (*cit. por Vilas Boas & Peixoto, 2003*) este enriquecimento é diferente da aceleração pois considera as necessidades e características do aluno. Este programa deverá:

- fornecer experiências ao aluno para além daquelas que o currículo comum contém;
- desenvolver habilidades cognitivas de nível superior;
- dar mais importância ao processo de aprendizagem do que ao conteúdo;
- promover as outras áreas do desenvolvimento para além da cognitiva e da aprendizagem.

Os autores atrás citados referem que esta estratégia pode ainda ser complementada através de outras medidas educativas específicas, tais como: acompanhamento individualizado por um professor (tutoria); atividades de grupo na sala de aula (atendendo às características individuais dos seus membros, promovendo as relações sociais, regras e objetivos do grupo); tutoria do aluno sobredotado no auxílio de colegas com mais dificuldades e acompanhamento terapêutico sempre que se verifiquem problemas a nível emocional, social e de personalidade.

Para muitos autores esta é considerada a melhor opção a prestar a alunos sobredotados, pois permite a adaptação do seu currículo a nível das suas necessidades e ritmo de aprendizagem.

Posto o que foi dito acima, o sucesso de qualquer que seja o programa a implementar juntos dos alunos sobredotados, está dependente da eficácia da diferenciação curricular que implica. Assim, *a aceleração* proporcionará uma maior rapidez na aquisição de conhecimentos; o agrupamento facilitará a segregação e o enriquecimento, muitas vezes confundido com e resumido a atividades de lazer, contribuirá para algum descrédito sobre a sua adequação e eficácia (Antunes, 2008). Caberá ao professor saber qual a melhor estratégia a aplicar junto dos seus alunos sobredotados, sem nunca esquecer que é extremamente importante a formação e conhecimento da área.

2. Diferenciação Pedagógica

Os alunos sobredotados exigem dos professores uma maior variedade de conteúdos e métodos de ensino.

De acordo com Serra (2005, *cit.* por Rosa, 2009) o professor deve ter uma postura dinâmica nas suas aulas, deve recorrer a metodologias e estratégias que promovam a diferenciação pedagógica e o desenvolvimento de atividades de enriquecimento curricular. Para esta autora compete ao professor:

- construir um projeto curricular de turma que contemple os alunos sobredotados;
- estabelecer finalidades;
- determinar objetivos de aprendizagem;
- selecionar experiências significativas de aprendizagem;
- ajustar métodos e estratégias;

- regular as aprendizagens;
- reorganizar o percurso do processo de ensino/aprendizagem;
- introduzir alterações consequentes;
- propor atividades de enriquecimento curricular;
- utilizar espaços e equipamentos pedagógicos complementares;
- desenvolver, progressivamente, programas de aprofundamento sobre determinados conteúdos curriculares e/ou de aceleração para contextos mais avançados, recorrendo a adaptações curriculares entre disciplinas ou áreas disciplinares.

As crianças sobredotadas devem ter direito a um específico e adequado atendimento, diferenciado e estimulante para promoção das suas habilidades e capacidades. Tudo isto será possível com a implementação de um currículo diferenciado, onde são atendidas as características e necessidades destes alunos.

II PARTE

ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo I

Metodologia da Investigação

1. Problemática e sua Contextualização

Como já foi referido anteriormente, as crianças sobredotadas apresentam características específicas que requerem dos professores uma identificação o mais precoce possível, e a utilização de estratégias pedagógicas que vão ao encontro das suas necessidades e capacidades. Deste modo através do estudo que se realizou, averiguou-se se os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sabem identificar crianças sobredotadas, em sala de aula, e se aplicam metodologias adequadas (tais como a diferenciação pedagógica), a estas crianças.

Tendo em conta o exposto, as principais questões orientadoras deste estudo foram:

- Será que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sabem identificar alunos sobredotados?
- Será que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sabem educar para a sobredotação?

As sub-questões da investigação são as seguintes:

- Será que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem as necessidades específicas dos alunos sobredotados?
- Será que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção com estes alunos?
- Será que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem as modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa?

De acordo com as questões anteriormente enunciadas os principais objetivos que se pretenderam atingir com este estudo foram:

- Averiguar os conhecimentos que os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico relativamente à identificação de alunos sobredotados.
- Apurar se os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sabem educar para a sobredotação.

Tendo em conta as sub-questões enunciadas os objetivos específicos são:

- Verificar se os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem as necessidades específicas dos alunos sobredotados.
- Verificar se os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção com estes alunos.
- Verificar se os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico conhecem as modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa.

Após a análise e tratamento dos dados obtidos com este estudo, elaborou-se um projeto de intervenção cujo principal objetivo foi:

- Criar um projeto de intervenção junto dos professores colaboradores.

2. Modelo de Investigação

Trata-se de uma investigação de carácter híbrido, ou seja, é um estudo exploratório, descritivo e de investigação para a ação.

A pesquisa exploratória descritiva permite uma maior rapidez na recolha da informação após o conhecimento direto com a realidade. Segundo Gil (1989: 44, *cit.* por Rosa, 2009) *“as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer conceitos e ideias, com vista à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”*.

A investigação para a ação é, segundo Esteves (1986), citado por Amado e Cardoso (2013, p. 191) uma modalidade de investigação ação porque é desencadeada por alguém “que tem necessidade de informações/conhecimento de uma situação/problema a fim de agir sobre ela e dar-lhe solução”. Este processo caracteriza-se pelo facto da investigação e o eventual curso da ação estarem separados, do investigador ter a primeira e última palavra sobre o processo investigativo, e de um meio social investigado não passar de um reservatório de investigações.

3. Amostra

Foram alvo deste estudo a população de professores que lecionam o 1.º Ciclo do Ensino Básico no concelho de Beja. A resposta ao questionário apresentado a estes docentes não foi obrigatória, sendo totalmente confidenciais e anónimas. Os questionários foram distribuídos aos 74 docentes do 1.º Ciclo do concelho de Beja, sendo que apenas 44 responderam e devolveram o mesmo. Deste modo, a amostra do presente estudo situou-se em 44 docentes.

A caracterização desta amostra é feita no capítulo seguinte do presente trabalho.

4. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

Tal como foi referido no ponto anterior, a presente investigação resultou dos dados recolhidos através de um questionário que foi aplicado aos professores de todo o 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Beja.

Antes da distribuição do questionário aos professores, realizou-se junto de três especialistas da Escola Superior de Educação de Beja, uma avaliação do mesmo.

Apresentou-se uma primeira versão do questionário (Cf. apêndice 1) a estes especialistas que expressaram a sua opinião através da resposta a um pequeno questionário (Cf. apêndice 2) acerca da estrutura, clareza, linguagem e extensão das questões apresentadas. A partir da sua apreciação sobre a estrutura, objetividade e pertinência das questões, fizeram-se as alterações necessárias, resultando deste processo o questionário definitivo (Cf. apêndice 3). Refira-se, ainda, que se apresentou esta versão a cinco docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico tendo em avaliar o grau de compreensibilidade das questões. Não se tendo verificado qualquer dificuldade nas respostas por parte destes docentes, avançou-se para a entrega do questionário aos 74 docentes do 1.º Ciclo do concelho de Beja.

O questionário é composto de perguntas abertas e fechadas. Esta técnica é organizada por um agregado de questões acerca do problema em estudo. Para Ghiglione e Matalon (1992:119, *cit. por* Rosa, 2009) *A construção do questionário e a formulação das questões constituem, portanto, uma fase crucial do desenvolvimento de um inquérito, (...).* Como qualquer outra técnica de recolha de dados, apresenta vantagens e desvantagens. Permite, entre outros aspetos, a obtenção de respostas rápidas e precisas; o anonimato e por isso maior liberdade nas respostas; menor risco de distorção por parte do investigador e facilidade de tratamento de dados. Porém também existe um grande inconveniente, isto é, a impossibilidade de esclarecer dúvidas ao inquirido. No entanto, considerou-se que este seria o melhor instrumento, permitindo aferir até que ponto os professores têm, ou não, conhecimentos e práticas na área da sobredotação.

5. Tratamento de Dados

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a análise dos dados é um processo de organização sistémica de transcrições de entrevistas, de notas de campo, e de outros materiais que foram sendo recolhidos ao longo de toda a investigação, com o principal objetivo de aumentar a compreensão dos factos e possibilitando apresentar aos outros aquilo que se encontrou.

O tratamento dos dados foi feito através de análise de conteúdo e de estatística descritiva. Foi utilizado o software gráfico *Microsoft Excel 2007* na criação dos gráficos referentes à primeira parte do questionário – *Dados de Identificação Pessoal e Profissional*. Relativamente ao tratamento de dados da segunda parte do questionário – *Experiência e Conhecimento na área da Sobredotação*, foram criadas tabelas de análise de conteúdo para as questões abertas, com as respetivas categorias e sub-categorias.

Capítulo II

Apresentação e Análise dos Dados Recolhidos

I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

Caracterização da Amostra

Realizou-se a caracterização dos docentes que participaram no estudo através do género, idade, formação académica e tempo de serviço.

A amostra contou com as respostas de 44 inquiridos, dos 74 questionários distribuídos, dos docentes do 1.º Ciclo do concelho de Beja.

Género

Através da análise do gráfico 1, apresentado abaixo, é possível verificar que os docentes inquiridos são maioritariamente de género feminino. Assim, constata-se que participaram neste estudo 41 docentes do género feminino (93%) e 3 do género masculino (7%).

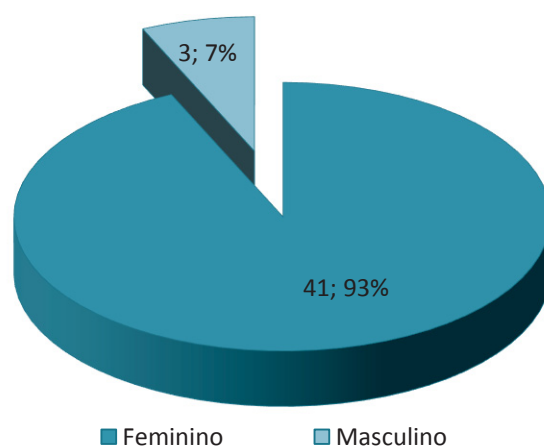


Gráfico 1 – Género dos docentes inquiridos (Questão 1)

Idade

Relativamente à idade dos inquiridos pode-se constatar, pela análise do gráfico 2, que a maioria dos docentes têm idade compreendida entre os 46 e 55 anos de idade (respetivamente 12 e 11 dos inquiridos) logo de seguida, surgem docentes com idades compreendidas entre os 36 e 40 anos (9 dos inquiridos).

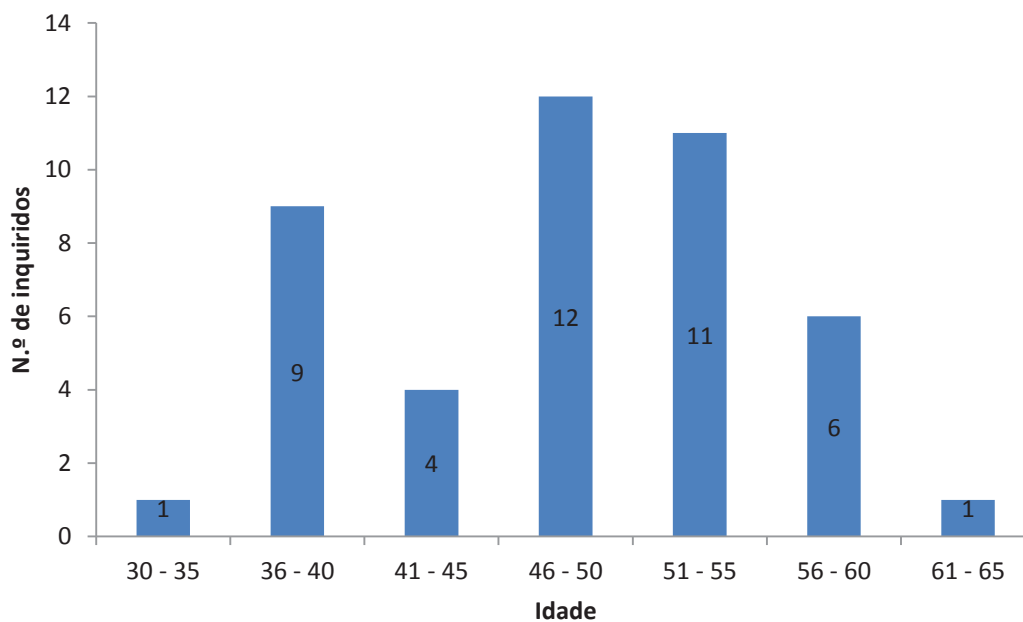


Gráfico 2 – Idade dos inquiridos (Questão 2)

Formação

Pela observação do gráfico 3, a grande parte (37) dos inquiridos possui licenciatura, 2 possuem uma pós-graduação, 4 mestrado e 1 doutoramento.

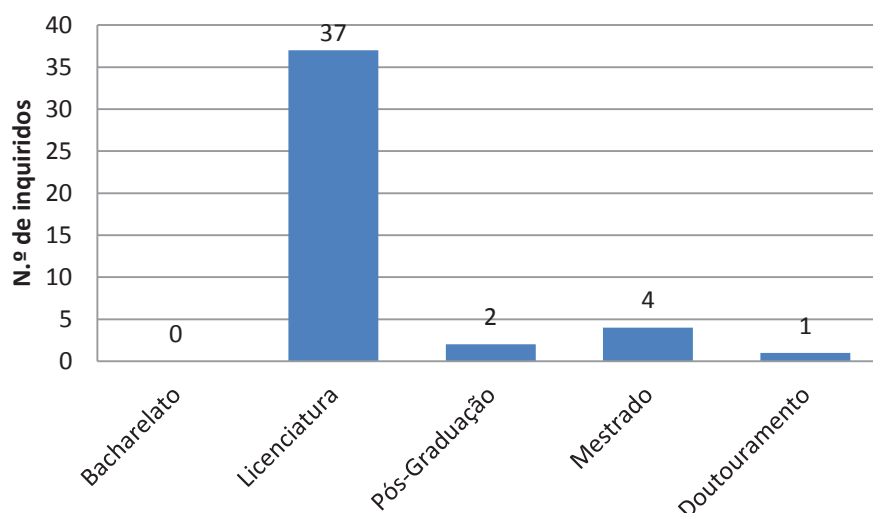


Gráfico 3 – Formação profissional dos inquiridos (Questão 3)

Tempo de serviço

Relativamente ao tempo de serviço (gráfico 4), pode-se verificar que dos docentes inquiridos a grande maioria possui entre os 11 e 20 anos de serviço letivo (16 dos inquiridos), logo seguidos dos docentes com 21 e 30 anos de serviço letivo (15 dos inquiridos). Sendo ainda de destacar os docentes com tempo de serviço entre os 31 e 40 anos (12 docentes).

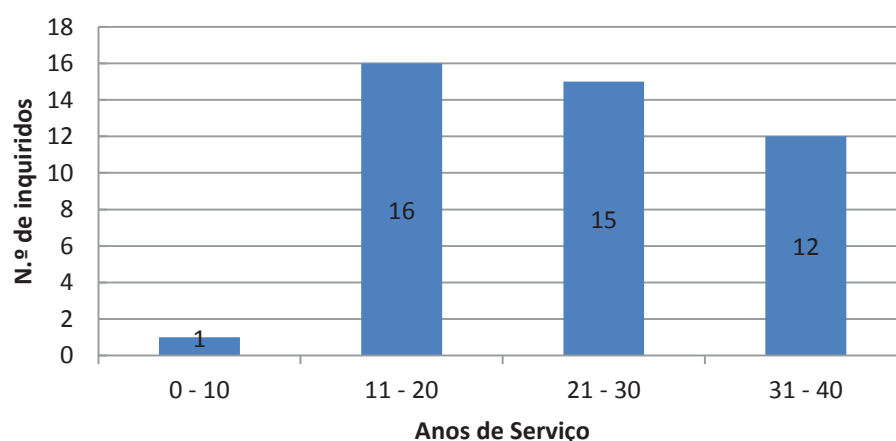


Gráfico 4 – Tempo de serviço, em anos, dos inquiridos (Questão 4)

II – Experiência e Conhecimento na Área da Sobredotação

Relativamente à experiência e conhecimentos dos docentes inquiridos na área da sobredotação, obtiveram-se os resultados que se seguem. Primeiramente, serão apresentados quadros alusivos ao número de docentes que responderam afirmativamente ou negativamente, seguidos de quadros com a análise de conteúdo das respostas dadas pelos mesmos.

Os resultados da análise de conteúdo das perguntas abertas do questionário, encontram-se apresentados sob a forma de quadro e podem-se verificar as frequências absolutas e as frequências relativas das unidades de registo e das unidades de enumeração referentes às categorias e subcategorias que emergiram desta análise.

Serão ainda apresentados excertos das respostas dadas pelos docentes de forma a ilustrar os dados obtidos.

Formação na área da sobredotação

Nesta primeira questão, da segunda parte do questionário, perguntou-se aos inquiridos se possuíam formação na área da sobredotação. As respostas obtidas encontram-se no quadro 1.

Quadro 1 – Formação na área (Questão 5)

Possui alguma formação na área da sobredotação?	
Sim	Não
4	40

Conforme se pode constatar através da análise do quadro 1 só 4 docentes afirmaram possuir formação na área da sobredotação.

Formação realizada

Quadro 2 – Formação realizada na área da sobredotação (Questão 5.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 4)	%
Modalidades	Seminários	1	14,3	1	25,0
	Palestras	1	14,3	1	25,0
	Colóquios	1	14,3	1	25,0
Conteúdos	Despiste	1	14,3	1	25,0
	Características	1	14,3	1	25,0
	Enquadramento	2	28,5	2	50,0
Total		7	100,0		

Dos 4 docentes que responderam a esta questão, 2 referem ter recebido alguma formação acerca do conteúdo sobre o *enquadramento legal* das crianças sobredotadas. Os excertos seguintes ilustram esta afirmação:

“(...) e o seu enquadramento legal.” (D44)

“Enquadramento legal das crianças sobredotadas.” (D4)

As restantes respostas foram variadas. Os docentes referiram ter adquirido diferentes formações em *seminários*, *palestras*, *colóquios* e relacionadas com *despiste* e *características* destes alunos. Pode-se verificar algumas destas:

“Participei num seminário sobre sobredotação.” (D11)

“Apenas sensibilizações como palestras (...)” (D7)

“(...) e colóquios.” (D7)

“Não me recordo do nome da ação, mas remeteu para o despiste destas crianças (...)”
(D44)

“(...) características das mesmas (...)” (D44)

Pode-se então concluir que de entre os 44 docentes inquiridos apenas 4 obtiveram alguma formação na área da sobredotação.

Necessidade de formação

Quadro 3 – Necessidade de formação na área da sobredotação (Questão 6)

Sente necessidade de ter mais formação nessa área?	
Sim	Não
14	30

Através da análise do quadro 3 verifica-se que 14 dos inquiridos responderam que sentem necessidade de ter formação nesta área.

Formação que necessita

Quadro 4 – Formação que necessita na área (Questão 6.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 14)	%
Formação que necessita	Geral	2	11,8	2	14,3
	Identificação	3	17,6	3	21,4
	Despiste	1	5,9	1	7,1
	Integração na turma	1	5,9	1	7,1
	Relação com a família	1	5,9	1	7,1
	Estratégias pedagógicas	9	52,9	9	64,3
Total		17	100,0		

A maioria destes, 9 docentes, sente necessidade de conhecer quais as *estratégias pedagógicas* mais indicadas para trabalhar com estes alunos. Os excertos seguintes confirmam esta afirmação:

“Formação na área de intervenção pedagógica/ métodos pedagógicos em sala de aula.” (D42)

“Formação a nível das atividades, que se possam desenvolver com esses alunos.” (D38)

“Diferenciar os diferentes tipos de sobredotados.” (D3)

“Formação relativa às práticas pedagógicas mais adequadas a realizar com as crianças sobredotadas.” (D41)

“Ficar a conhecer técnicas adequadas de forma a dar resposta a estas crianças sobredotadas.” (D10)

Verificou-se ainda que 3 dos docentes manifestaram interesse pela formação acerca da *identificação* destes alunos. As respostas seguintes ilustram essa necessidade:

“Formação para identificação (...)” (D43)

“Como identificar (...)” (D40)

“Como identificar crianças sobredotadas (...)” (D11)

Os docentes revelaram interesse também nas subcategorias de *formação em geral*, *despiste* destas crianças, *a sua integração na turma* e *relação com a família*.

Poder-se-á então dizer que onde os docentes sentem mais necessidade de formação é no conhecimento das *estratégias pedagógicas* mais indicadas a adotar com estes alunos (9 docentes), seguida da necessidade de saber *identificar* estas crianças (3 docentes).

Crianças sobredotadas

Quadro 5 – Trabalho com crianças sobredotadas (Questão 7)

Já trabalhou com crianças sobredotadas?	
Sim	Não
6	38

Dos 44 docentes que responderam ao questionário apenas 6 trabalharam com crianças sobredotadas.

Crianças sobredotadas com quem trabalhou

Quadro 6 – Número de crianças com quem trabalhou (Questão 7.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 6)	%
Número de crianças com quem trabalhou	Uma	5	83,3	5	83,3
	Duas	1	16,7	1	16,7
	Total	6	100,0		

Cinco dos docentes apenas trabalhou com uma criança sobredotada e um deles já trabalhou com duas crianças sobredotadas

Necessidades específicas das crianças sobredotadas

Quadro 7 – Necessidades específicas destes alunos (Questão 8)

Conhece as necessidades específicas dos alunos sobredotados?	
Sim	Não
7	37

Dos 44 docentes inquiridos apenas 7 afirmaram terem conhecimento de quais as necessidades específicas dos alunos sobredotados.

Identificação das necessidades específicas dos alunos sobredotados

Quadro 8 – Necessidades específicas dos alunos sobredotados/ características/ necessidades práticas dos docentes (Questão 8.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 7)	%
Necessidades específicas	Apoio individualizado por parte da docente da turma	3	16,7	3	42,9
	Apoio socioeducativo	1	5,6	1	14,3
	Planificação	1	5,6	1	14,3
	Socialização	2	11,1	2	28,6
	Valorização de conhecimentos; dons e capacidades	1	5,6	1	14,3
	Desenvolvimento de conhecimentos; dons e capacidades	1	5,6	1	14,3
	Promoção de atividades	1	5,6	1	14,3
	Psicológicas	1	5,6	1	14,3
	Sociais	1	5,6	1	14,3
	Cognitivas	1	5,6	1	14,3
	Diferentes níveis de desempenho	1	5,6	1	14,3
	Necessidade de compreensão	1	5,6	1	14,3
Características	Dificuldades nas relações interpessoais	2	11,1	2	28,6
Necessidades práticas dos docentes	Material pedagógico	1	5,6	1	14,3
Total		18	100,0		

Dos docentes que responderam afirmativamente, 3 disseram que o *apoio individualizado por parte da docente da turma* é uma dessas necessidades. Pode-se verificar esta necessidade através das respostas obtidas:

“Devido às suas qualidades, estas crianças necessitam muitas vezes de apoio individualizado por parte da docente da turma (...)” (D5)

“São alunos que necessitam de um acompanhamento individualizado (NEE) (...)” (D8)

“(...) necessitando assim de um acompanhamento para os ajudar na frustração e na gestão desse equilíbrio no desempenho escolar.” (D8)

Seguida desta subcategoria, encontrou-se a preocupação da *socialização* destas crianças e as suas *dificuldades nas relações interpessoais*. São exemplo disso os seguintes excertos:

“Trabalhar muito as questões da socialização e as de respeito pelas diferenças.” (D12)

“Socialização” (D34), para a subcategoria da socialização.

Nas relações interpessoais apresentam-se os seguintes excertos:

“(...) pois algumas manifestam dificuldades nas relações interpessoais.” (D5)

“Atenção redobrada para a segregação (por vezes as relações interpessoais entre pares ou entre criança/ adulto não são pacíficas). Necessidade de estabelecer equilíbrio pessoal e interpessoal.” (D6)

As respostas obtidas também apontaram para a necessidade de prestar *apoio socioeducativo*; realização de *planificações*; *valorização e desenvolvimento de conhecimentos, dons e capacidades* destes alunos; *promoção de atividades*; *necessidades psicológicas, sociais e cognitivas*; *diferentes níveis de desempenho e necessidades de compreensão*. Foi ainda referido por um docente a necessidade de acesso a *material específico* para trabalhar com estes alunos. Apresentam-se alguns dos excertos recolhidos:

“(...) bem como também de apoio socioeducativo (...)” (D5)

“(...)Saber o que se vai trabalhar e planificar anteriormente (...)” (D12)

“Valorização dos seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)

“Desenvolvimento dos seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)

“Promoção de atividades/ vivências que potenciem os seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)

“Psicológicas (sucesso/ fracasso; participação; responsabilidade...)” (D2)

“Sociais (atitudes; comportamentos; participação em grupos de tarefas; etc.)” (D2)

“Cognitivas (estímulo/ interesse; flexibilização dos currículos; ...)” (D2)

“Necessitam que os compreendam para que haja promoção das áreas fortes e que ultrapassem, com mais facilidade, as áreas mais fracas.” (D44)

“Material “específico” para trabalhar com essa criança (...)” (D12)

Conclui-se que a necessidade que se revela mais importante será um apoio individualizado por parte da docente ao aluno sobredotado. Seguem-se as relações interpessoais e a socialização destas crianças, como necessidades específicas apontadas por estes docentes sendo muito importantes nos seus relacionamentos com a restante comunidade educativa.

É de salientar que 37 dos respondentes afirmaram não conhecer as necessidades específicas dos alunos sobredotados, donde, poder-se concluir que para estes docentes os alunos sobredotados, pelas suas características excecionais, não têm necessidades educativas especiais.

Métodos pedagógicos

Quadro 9 – Métodos pedagógicos na intervenção destes alunos (Questão 9)

Sabe quais os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção dos alunos sobredotados?	
Sim	Não
6	38

Conforme se constata pela observação do quadro 9, apenas 6 docentes responderam a esta questão.

Métodos pedagógicos utilizados**Quadro 10 – Métodos pedagógicos mais indicados na intervenção dos alunos sobredotados (Questão 9.1)**

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 6)	%
Métodos Pedagógicos	Pedagogia diferenciada	3	16,7	3	50,0
	Promoção de ambiente criativo	1	7,7	1	16,6
	Partilha de experiências	1	7,7	1	16,6
	Recursos adicionais	1	7,7	1	16,6
	Planificação de tarefas	1	7,7	1	16,6
	Planificação de projetos	1	7,7	1	16,6
	Realização de investigações	1	7,7	1	16,6
	Aplicação do modelo da escola moderna	1	7,7	1	16,6
	Formação cívica	1	7,7	1	16,6
	Trabalho a pares	1	7,7	1	16,6
	Trabalho de grupo	1	7,7	1	16,6
Total		13	100,0		

O método pedagógico referido com maior frequência, pelos 6 docentes que responderem a esta questão, foi a *diferenciação pedagógica* (3 respostas). Verificam-se essas respostas nos seguintes excertos:

“Pedagogia diferenciada” (D4)

“Atendimento diferenciado (diferenciação pedagógica) (...) (D3)

“Pedagogia diferenciada (promovendo as áreas fortes e desenvolvendo as fracas).” (D44).

Surgiram ainda respostas, nomeadamente, sobre: *promoção de ambiente criativo; partilha de experiências; recursos adicionais; planificação de tarefas e projetos; realização de investigações; aplicação do modelo da escola moderna; formação cívica; trabalho a pares e de grupo*. Os exemplos que se seguem ilustram estes métodos:

“promoção de ambiente criativo.” (D3)

“Partilha de experiências, interesses com outros (...)” (D2)

“Acesso a recursos adicionais de informação (bibliotecas, exposições, instituições, etc).” (D2)

“Participação na planificação de tarefas (...)” (D2)

“(...) e projetos (...)” (D2)

“Realização de investigações.” (D2)

“O modelo da escola moderna permite uma abrangência à aprendizagem de alunos mais e menos dotados.” (D7)

“Mais formação cívica (...)” (D34)

“(...) mais trabalho a pares (...)” (D34)

“(...) e de grupo” (D34)

A subcategoria da *diferenciação pedagógica* foi aquela que se destacou de entre as restantes. Estas últimas apenas tiveram uma unidade de registo, ou seja, foram mencionadas apenas por 1 inquirido.

Modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa

Quadro 11 – Conhecimento das modalidades de intervenção (Questão 10)

Tem conhecimento das modalidades de intervenção com alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa?	
Sim	Não
5	39

Apenas 5 dos inquiridos afirmaram ter conhecimento das modalidades de intervenção com alunos sobredotados, previstas na legislação portuguesa.

Modalidades de intervenção conhecidas

Quadro 12 – Modalidades de intervenção com alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa (Questão 10.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 5)	%
Modalidades de intervenção na legislação portuguesa	Educação Especial	1	20,0	1	20,0
	PAPI	2	40,0	2	40,0
	Plano de desenvolvimento/ individualização do currículo e estratégias	1	20,0	1	20,0
	Aceleração	1	20,0	1	20,0
Total		5	100,0		

Destas 5 respostas, dois dos docentes referiram os *PAPI's*, seguidos de *plano de desenvolvimento/ individualização do currículo e estratégias* e *Educação Especial*, com apenas uma unidade de registo.

Associações

Quadro 13 – Conhecimento de associações na área (Questão 11)

Conhece alguma associação na área da sobredotação?	
Sim	Não
8	36

Após a análise do Quadro 14, pode-se concluir que dos 8 docentes que dizem ter conhecimento da existência de associações

Associações conhecidas

Quadro 14 – Associações conhecidas na área da sobredotação (Questão 11.1)

Categorias	Subcategorias	F.U.R.	%	F.U.E. (N= 8)	%
Associações	ANEIS	2	25,0	2	25,0
	Núcleo de Sobredotação em Beja/ Pólo de Beja	3	37,5	3	37,5
	APCS	3	37,5	3	37,5
Total		8	100,0		

Relativamente a esta questão a subcategoria com mais unidades de registo verificou-se no conhecimento do *Núcleo de Sobredotação em Beja/ Pólo de Beja* e na *APCS*. Verificando-se 2 unidades de registo no conhecimento da associação *ANEIS*.

Trabalha com algum aluno sobredotado

Quadro 15 – Trabalho com alunos sobredotados (Questão 12)

Este ano letivo trabalha com algum aluno considerado sobredotado?	
Sim	Não
0	44

Conforme se pode observar pela leitura do quadro 15, relativamente à questão 12 do questionário - *Este ano letivo trabalha com algum aluno considerado sobredotado?* - nenhum dos inquiridos respondeu afirmativamente. Pode-se então concluir que durante este ano letivo (2013/2014) nenhum docente trabalha com alunos sobredotados em sala de aula.

Síntese

Em síntese pode-se dizer que apenas 4 dos docentes inquiridos responderam ter recebido alguma formação na área da sobredotação, sendo 14 os docentes que sentem necessidade da mesma. Revelam principalmente, necessidade no conhecimento das *estratégias pedagógicas* mais indicadas para trabalhar com estes alunos.

Dos 44 inquiridos apenas 6 já trabalharam com crianças sobredotadas.

Foram 7 os docentes que afirmaram terem conhecimento de quais as necessidades específicas dos alunos sobredotados. Destes, 3 disseram que o *apoio individualizado por parte da docente da turma* é uma dessas necessidades. Outras necessidades foram a *socialização* destas crianças e as suas *dificuldades nas relações interpessoais*. Verificou-se, ainda, a necessidade de prestar *apoio socioeducativo*; realização de *planificações*; *valorização e desenvolvimento de conhecimentos, dons e capacidades* destes alunos; *promoção de atividades*; necessidades *psicológicas, sociais e cognitivas*; *diferentes níveis de desempenho* e *necessidades de compreensão*. Foi ainda referido por um docente a necessidade de acesso a *material específico* para trabalhar com estes alunos. Pelo facto de 37 docentes terem afirmado não conhecer as necessidades específicas dos alunos sobredotados, pode-se concluir que, para estes docentes, os alunos sobredotados, pelas suas características excecionais, não têm necessidades educativas especiais.

O método pedagógico referido com maior frequência foi a *diferenciação pedagógica* (3 respostas). Foram ainda referidos pelos inquiridos a *promoção de ambiente criativo*; *partilha de experiências*; *recursos adicionais*; *planificação de tarefas e projetos*; *realização de investigações*; *aplicação do modelo da escola moderna*; *formação cívica*; *trabalho a pares e de grupo*.

Somente 5 dos inquiridos afirmaram ter conhecimento das modalidades de intervenção com alunos sobredotados, previstas na legislação portuguesa. Foram mencionadas as modalidades seguintes: *PAPI's*, *plano de desenvolvimento/ individualização do currículo e estratégias* e *Educação Especial*.

Unicamente 8 docentes dizem ter conhecimento da existência de associações, o *Núcleo de Sobredotação em Beja/ Pólo de Beja*, a *APCS* e *ANEIS*.

Verificou-se que nenhum dos inquiridos trabalhou com alunos sobredotados no decurso deste ano letivo.

III PARTE

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

1. Diagnóstico de Necessidades

Após a leitura e análise dos resultados obtidos através do questionário aplicado aos docentes, foi possível caracterizar a situação real dos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Beja. O confronto com a situação real e a situação ideal possibilita detetar diferenças que surgem com discrepâncias entre *o que é* e *o que deveria ser*, surgindo uma necessidade de intervenção.

Pela observação da tabela 3 que se segue pode-se verificar a situação real, a identificação das necessidades e a situação que ideal.

Situação real	Identificação das necessidades	Situação ideal
37 docentes não consideram os alunos sobredotados crianças com NEE.	Proporcionar o conhecimento sobre as características dos alunos sobredotados	- Conhecer as características dos alunos sobredotados.
A grande maioria dos professores não possui formação na área da sobredotação.	Formar os professores de modo a conseguirem identificar estes alunos e aplicar estratégias pedagógicas adequadas no seu ensino-aprendizagem.	- Saber identificar estes alunos reconhecendo as suas capacidades e habilidades - Conhecer estratégias pedagógicas adequadas ao ensino/aprendizagem destes alunos.
A grande maioria destes professores não conhece as modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa.	Promover ações de formação em que se aborda a legislação que enquadra a intervenção educativa junto das crianças sobredotadas.	Conhecerem as modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa.

Tabela 3 – Representação do real; ideal e identificação das necessidades

2. Proposta de Intervenção

A partir deste levantamento de necessidades foi elaborada uma proposta de intervenção que irá ser apresentada, de seguida. O principal objetivo desta proposta será colmatar as lacunas que se detetaram com o presente estudo, tais como:

- Necessidade dos professores conhecerem as características e necessidades específicas dos alunos sobredotados;
- Necessidade dos professores saberem identificar os alunos sobredotados;
- Necessidade dos professores conhecerem os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção dos alunos sobredotados;
- Necessidade dos professores conhecerem as modalidades de intervenção previstas na legislação portuguesa.

Posto tudo isto, será imperativo criar um plano de intervenção junto da comunidade educativa de forma a atingir os objetivos descritos.

O plano que se pensou traçar será então constituído por 3 fases distintas. Numa primeira fase pretende-se realizar uma ação de sensibilização, onde se despertará nos docentes a importância da identificação destes alunos com necessidades educativas especiais.

De seguida, será essencial apresentar as características e necessidades dos alunos sobredotados apresentando estratégias de identificação dos mesmos.

Por último, numa terceira fase, serão apresentados os métodos pedagógicos mais indicados na intervenção dos alunos sobredotados; e as modalidades de intervenção previstas na legislação.

Todas as fases descritas em cima, serão apresentadas e esclarecidas numa ação de formação a agendar, onde será convidada toda a comunidade docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Beja.

Para esta ação de formação, poder-se-á contar com a colaboração de elementos responsáveis pela APCS, Pólo de Beja e ANEIS. Serão ainda convidados a prestar o seu depoimento alunos sobredotados, que falarão da sua experiência a nível escolar.

Será de extrema importância a presença de todos pois assim estar-se-á a contribuir para um melhoramento do ensino destes alunos e será um benefício para a comunidade portuguesa, em geral. Para Serra (2013a) estas crianças devem ser identificadas e reconhecidas pois, só assim poderão usufruir de um acompanhamento especializado e ensino individualizado procurando combater a sua desmotivação.

CONCLUSÃO

No decorrer da primeira parte desta investigação fez-se uma descrição da problemática da Sobredotação. Foram descritas as características e necessidades dos alunos sobredotados e enumeradas as diferentes modalidades de intervenção junto destes.

Após a apresentação da importância de identificação e conhecimento das características e necessidades específicas destes alunos, foi feito um levantamento dos conhecimentos e práticas dos professores do 1.º Ciclo no âmbito da educação de alunos sobredotados, no concelho de Beja, tendo-se concluído que existe uma enorme necessidade de formação destes docentes.

Dos 44 inquiridos que responderam ao questionário aplicado, apenas 4 docentes possuem alguma formação na área da sobredotação. Depreendeu-se das respostas dadas pelos inquiridos, que a própria comunidade docente ainda não se encontra desperta para esta problemática, não considerando estes alunos como crianças com necessidades educativas especiais, que precisam de apoio especializado por parte de equipas competentes. Estes dados contrariam a opinião de Pereira (*cit.* por Rosa, 2009), segundo a qual os alunos sobredotados são alunos com NEE que nem sempre necessitam de apoio permanente da Educação Especial, desde que o atendimento das suas necessidades seja colmatado com uma intervenção pedagógica adequada e atempada, tanto na escola como no meio familiar. Posto isto, será importante referir que o papel do professor é fundamental na identificação destes alunos e numa posterior prática pedagógica que valorize as suas capacidades, o mais precoce possível.

Para que seja possível o professor identificar/reconhecer estes alunos será necessário conhecer as suas características e necessidades. No tratamento desta questão constatou-se que apenas 7 dos inquiridos sabem fazer-lo. Mais uma vez se revela a necessidade de

existir uma formação adequada dos intervenientes educativos, neste caso dos professores. Cabe ao sistema educativo saber proporcionar aos alunos experiências motivadoras. A escola de hoje deverá facilitar tanto o aparecimento como o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. Deverá criar ambientes criativos, estímulos, recursos, oportunidades, em função das características e necessidades individuais.

Somente 5 dos inquiridos mostraram ter conhecimento da legislação existente. No entanto, esta legislação não é suficiente na resposta a alunos sobredotados. No Despacho normativo n.º 24 – A/2012, mais recente sobre esta matéria, aquilo que se verifica é que a conclusão do 1.º ciclo de escolaridade pode ser feita em três anos se a criança tiver 9 anos de idade, e pode ainda transitar um ano de escolaridade, uma única vez, ao longo dos 2.º e 3.º ciclo de escolaridade. Segundo Serra (2013a) devem ser criadas estruturas de base que promovam a inclusão e diferenciação destas crianças sobredotadas, só assim conseguir-se-á promover o talento destes alunos. Deve-se então, conhecer bem a criança para que o seu percurso educativo seja o mais orientado, de acordo com as suas necessidades e de acordo com a legislação em vigor.

Relativamente às diferentes modalidades de intervenção junto destes alunos, unicamente 6 professores afirmaram ter conhecimento dos diferentes métodos pedagógicos que se podem utilizar. Estes métodos de apoio referem-se a um atendimento educativo especializado que correspondem a um agregado de estratégias educativas a que os docentes podem recorrer, de modo a dar resposta às necessidades destes alunos. Destacam-se: *a aceleração; o agrupamento; o enriquecimento*, entre outros. Estas estratégias educativas devem complementar-se na sua utilização, nunca isoladamente, de maneira à obtenção de resultados mais positivos. Caberá ao professor

saber qual a melhor estratégia a aplicar junto dos seus alunos sobredotados, sem nunca esquecer que é extremamente importante a formação e conhecimento da área.

Por fim, e após toda a análise e tratamento de dados, elaborou-se uma proposta de intervenção que pretende combater as lacunas verificadas e descritas acima. Os principais objetivos desta proposta são formar os docentes na área da sobredotação dando-lhes a conhecer as características e necessidades específicas destes alunos e os métodos mais adequados para trabalhar com eles, promovendo as suas capacidades e habilidades.

À laia de conclusão, deixa-se claro que para que a inclusão dos alunos sobredotados aconteça nas escolas atuais, terá de haver uma reorientação das intenções educativas no sentido de juntar esforços contra a exclusão destas crianças. Dadas as necessidades específicas destes alunos, deve ser criada legislação que abarque também estas crianças.

É imperativo construir uma escola de todos e para todos, uma escola inclusiva!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. S., Silva, E. P. M., Oliveira, E. P., Palhares, C., Melo, A. S. & Rodrigues, A. (2001). Conhecimentos e percepções dos professores na área da sobredotação. *Revista Sobredotação*, Vol. 2 (2ª ed. pp.139-153). Braga: ANEIS.
- Almeida, L. S. & Oliveira, E. P. (2000). Os professores na identificação dos alunos sobredotados. *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS.
- Amado, J. & Cardoso, A. (2013). A Investigação Ação e suas Modalidades. In J. AMADO (coord.) *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (pp. 187-204). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Antunes, A. & Almeida, L. (2008). O Atendimento Educativo dos Sobredotados: Ritmos Diferentes nos Estados Unidos, na Europa e em Portugal. *Revista Diversidades*, 19, 3-8.
- Bogdan, R.. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Falcão, I. J. C. (1992). *Crianças sobredotadas: Que sucesso escolar?* Rio Tinto: Asa.
- Gagné, F. (2013). *Seminário Internacional de Sobredotação, Mitos e Rumos*. Lisboa: APCS e Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Gagné, F. (2008).
- Gardner, H., (1999). *Arte, Mente e Cérebro. Uma abordagem Cognitiva da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Guenther, Z. (2000). *Desenvolver Capacidades e Talentos – um conceito de inclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Guenther, Z. (2011). *Caminhos para Desenvolver o Potencial e Talento*. Coletânea Maioridade. Lavras: Editora UFLA
- Guenther, Z. (2012). *Crianças dotadas e talentosas... Não as deixem esperar mais!*. Rio de Janeiro: GENLTC.
- Maciel, C. (2012). *Educar para a Sobredotação*. Tese de mestrado em Ciências da Educação. Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, Portugal.
- Mönks, F. J., & Van Boxtel, H. W. (1988). Los adolescentes superdotados: Una perspectiva evolutiva. In J. Freeman (Ed.), *El niño superdotado: Aspectos psicológicos y pedagógicos* (pp. 306-327). Madrid: Aula XXI de Santillana.
- Mönks, F. J. (1994). Desarrollo socio-emocional de los niños superdotados. In Y. Benito (Ed.), *Intervención e investigación psicoeducativa en alumnos superdotados* (pp. 139-152). Salamanca: Amarú.
- Oliveira, E. P. L. (2007). *Alunos Sobredotados: A aceleração escolar como resposta educativa*. Dissertação de doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Renzulli, J. S. (1978). What makes giftedness? Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60 (5), 180,261.
- Rosa, A. (2009). *Conhecimentos e Percepções dos Professores na Área da Sobredotação*. Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Algarve, Faro, Portugal.
- Senos, J. & Diniz, T. (1998). *Crianças e Jovens Sobredotados*. Intervenção Educativa, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Serra, H. (2004). *A criança sobredotada. O aluno sobredotado*. Porto: APCS.
- Serra, H. (2005). *O Aluno Sobredotado*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

- Serra, H. (2008). NEE dos disléxicos e/ou sobredotados. *Saber (e) Educar*, 13, 137 – 147.
- Serra, H. (2013a) *Seminário Internacional de Sobredotação, Mitos e Rumos*. Lisboa: APCS e Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Serra, H. (2013b) *II Encontro do Pólo de Beja da APCS – “2013 Ano Internacional da Sobredotação: Que presente? Que Futuro?”*. Comunicação apresentada no IPB, Beja.
- Serrano, H. (1995). *Sobredotados uma Intervenção Educativa*. Lisboa: Universidade de Lisboa e Ciências da Educação.
- Vilas Boas, C. & Peixoto, L. M (2003). *As crianças sobredotadas: conceito, características, intervenção educativa*. Braga: APPACDM
- Winner, E. (1996). *Crianças Sobredotadas: Mitos e Realidades*. Lisboa: Instituto Piaget.

Legislação consultada:

Leis:

Lei nº 46/86, de 14 de outubro

Decretos de Lei:

Decreto-Lei 319/91 de 23 de agosto

Decreto Lei nº 3/2008, de 7 de janeiro

Despachos:

Despacho Normativo n.º 50/2005, de 9 de novembro

Webgrafia

<http://mirandalibrassemfronteiras.weebly.com/aee---atendimento-educacional-especializado-ahsd---distuacuterbios-dificuldades-e-transtornos-de-aprendizagem.html>

(imagem 1 - *Modelo dos 3 Anéis de Renzulli* – consultado pela última vez a 2 de abril de 2013)

http://www.javiertouron.es/2013_03_01_archive.html

(imagem 3 - *O “Novo” DMGT 2.0 Gagné* – consultado pela última vez a 2 de abril de 2013)

APÊNDICES

Apêndice I

Questionário

O presente questionário constitui uma fase de recolha de informação para um estudo na área da Sobredotação, no âmbito do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, ministrado na Escola Superior de Educação de Beja.

Destina-se aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Beja e pretende fazer um levantamento acerca dos conhecimentos e práticas, na intervenção de alunos sobredotados em sala de aula.

Este questionário é composto por variadas questões confidenciais e anónimas. Pedimos-lhe a sua maior colaboração no preenchimento das mesmas, dando a sua opinião.

Agradecemos a sua disponibilidade e indispensável colaboração.

Obrigada!

1. Sexo

a. Masculino ☐

b. Feminino ☐

2. Idade _____

Circunde a(s) letra(s) referente(s) à(s) sua(s) opção(ões).

3. Formação

a. Bacharel

b. Licenciatura

c. Pós-graduação

d. Mestrado

e. Doutoramento

4. Tempo de serviço

- a. De 0 a 5 anos
- b. De 6 a 10 anos
- c. De 11 a 20 anos
- d. + de 20 anos

5. Possui alguma formação no âmbito da educação especial?

- a. Sim
- b. Não

5.1 Se respondeu *Sim* refira qual a formação que realizou.

6. Sente necessidade de ter mais formação nessa área?

- a. Sim
- b. Não

6.1 Se respondeu *Sim* refira de que tipo de formação necessita nessa área.

7. Já trabalhou com crianças sobredotadas?

- a. Sim
- b. Não

7.1 Se respondeu *Sim* refira qual o número de crianças com que trabalhou.

8. Conhece as necessidades específicas dos alunos sobredotados?

- a. Sim
- b. Não

8.1 Se respondeu *Sim* refira quais são essas necessidades.

9. Sabe quais os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção dos alunos sobredotados?

- a. Sim
- b. Não

9.1. Se respondeu *Sim* diga quais são esses métodos.

10. Tem conhecimento das modalidades de intervenção de alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa?

- a. Sim
- b. Não

10.1. Se respondeu *Sim* diga quais são as modalidades que conhece.

11. Conhece alguma associação na área da sobredotação em Portugal?

- a. Sim
- b. Não

11.1. Se respondeu *Sim* indique qual.

12. Este ano letivo trabalha com algum aluno considerado sobredotado?

- a. Sim
- b. Não

12.1. Se respondeu *Sim*, refira se estas crianças estão a receber apoio especializado?

- a. Sim
- b. Não

12.1.1. Se respondeu *Sim* à questão anterior, refira que apoios têm sido disponibilizados.

Obrigada pela colaboração!

Apêndice II

Avaliação do Especialista – Questionário acerca dos *Conhecimentos e Práticas de Professores do 1.º Ciclo no Âmbito da Educação de Crianças Sobredotadas*

1. A apresentação do questionário é:

- a) Muito apropriada ☐
- b) Apropriada ☐
- c) Pouco apropriada ☐
- d) Nada apropriada ☐

2. As instruções para responder ao questionário são:

- a) Muito apropriada ☐
- b) Apropriada ☐
- c) Pouco apropriada ☐
- d) Nada apropriada ☐

3. As questões são:

- a) Muito acessíveis ☐
- b) Acessíveis ☐
- c) Pouco acessíveis ☐
- d) Nada acessíveis ☐

4. Os conteúdos para levantamento dos conhecimentos e práticas dos inquiridos são:

- a) Muito relevantes ☐
- b) Relevantes ☐
- c) Pouco relevantes ☐
- d) Nada relevantes ☐

5. A ordem das questões é:

- a) Muito apropriada ☐
- b) Apropriada ☐
- c) Pouco apropriada ☐
- d) Nada apropriada ☐

6. Quanto à extensão, diria que o questionário é:

- a) Muito extenso ☐
- b) Extenso ☐
- c) Curto ☐
- d) Muito curto ☐

7. Comentários/ Sugestões:

Obrigada!

Apêndice III

Questionário

O presente questionário constitui uma fase de recolha de informação para um estudo na área da Sobredotação, no âmbito do Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, ministrado na Escola Superior de Educação de Beja.

Destina-se aos professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Beja e pretende fazer um levantamento acerca dos conhecimentos e práticas, na intervenção de alunos sobredotados em sala de aula.

Garantimos-lhe que as suas respostas são totalmente confidenciais e anónimas. Pedimos-lhe a sua maior colaboração no preenchimento das mesmas, dando a sua opinião.

Agradecemos a sua disponibilidade e indispensável colaboração.

Obrigada!

I – Dados de Identificação Pessoal e Profissional

1. Género

a. Masculino ☐

b. Feminino ☐

2. Idade _____

3. Formação (Circunde a letra referente à sua opção.)

a. Bacharelato

b. Licenciatura

c. Pós-graduação

d. Mestrado

e. Doutoramento

4. Indique, em anos, o seu tempo de serviço.

II – Experiência e Conhecimento na Área da Sobredotação

5. Possui alguma formação na área da Sobredotação?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

a. Sim

b. Não

5.1 Se respondeu *Sim*, refira qual a formação que realizou.

6. Sente necessidade de ter mais formação nessa área?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

a. Sim

b. Não

6.1 Se respondeu *Sim*, refira qual a formação de que necessita.

7. Já trabalhou com crianças sobredotadas?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

a. Sim

b. Não

7.1 Se respondeu *Sim*, refira qual o número de crianças com que trabalhou.

8. Conhece as necessidades específicas dos alunos sobredotados?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

8.1 Se respondeu *Sim*, refira quais são essas necessidades.

9. Sabe quais os métodos pedagógicos mais indicados para a intervenção dos alunos sobredotados?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

9.1. Se respondeu *Sim*, diga quais são esses métodos.

10. Tem conhecimento das modalidades de intervenção com alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

10.1. Se respondeu *Sim* diga quais são as modalidades que conhece.

11. Conhece alguma associação na área da sobredotação em Portugal?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

11.1. Se respondeu *Sim* indique qual.

12. Este ano letivo trabalha com algum aluno considerado sobredotado?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

12.1. Se respondeu *Sim*, refira se estas crianças estão a receber apoio especializado?

(Circunde a letra referente à sua opção.)

- a. Sim
- b. Não

12.1.1. Se respondeu *Sim*, à questão anterior, refira que apoios têm sido disponibilizados.

Obrigada pela colaboração!

--- Apêndice IV

Análise de conteúdo dos questionários aplicados aos docentes

Tabela 1 – Formação na área da sobredotação (questão n.º 5.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Modalidades	- Seminário	“Participei num seminário sobre sobredotação.” (D11)
	- Palestras	“Apenas sensibilizações como palestras (...)” (D7)
	- Colóquios	“(...) e colóquios.” (D7)
Conteúdos	- Despiste	“Não me recordei do nome da ação, mas remeteu para o despiste destas crianças (...)” (D44)
	- Características	“(...) características das mesmas (...)” (D44)
	- Enquadramento	“(...) e o seu enquadramento legal.” (D44) “Enquadramento legal das crianças sobredotadas.” (D4)

Tabela 2 – Formação que necessita (questão n.º 6.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Formação que necessita	- Geral	<p>“Sobredotação.” (D35)</p> <p>“Formação com maior aprofundamento.” (D7)</p>
	- Identificação	<p>“Formação para identificação (...)” (D43)</p> <p>“Como identificar (...)” (D40)</p> <p>“Como identificar crianças sobredotadas (...)” (D11)</p>
	- Despiste	<p>“(...) despiste de casos de sobredotação.” (D43)</p>
	- Integração na turma	<p>“Interação/ integração na turma (...)” (D2)</p>
	- Relação com a família	<p>“(...)relação com a família.” (D2)</p>
	- Estratégias pedagógicas	<p>“Identificação de práticas educativas que tenham como objetivo a igualdade de oportunidades para todos os alunos.” (D5)</p>
		<p>“Formação na área de intervenção pedagógica/ métodos pedagógicos em sala de aula.” (D42)</p> <p>“(...) trabalhar com alunos sobredotados.” (D40)</p> <p>“Formação a nível das atividades, que se possam desenvolver com esses alunos.” (D38)</p>

		<p>“Formação relativa às práticas pedagógicas mais adequadas a realizar com as crianças sobredotadas.” (D41)</p> <p>“Ficar a conhecer técnicas adequadas de forma a dar resposta a estas crianças sobredotadas.” (D10)</p> <p>“Formação no sentido de trabalhar com técnicas apropriadas às necessidades do aluno.” (D33)</p> <p>“Diferenciar os diferentes tipos de sobredotados.” (D3)</p> <p>“(…)como responder às suas necessidades e expetativas de forma eficaz.” (D11)</p>
--	--	---

Tabela 3 – Número de crianças com quem trabalhou (questão 7.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Número de crianças com quem trabalhou	- Uma	“Uma menina” (D34) “Uma” (D12) “1 (Prof. ^a Apoio na Sala)” (D5) “Uma” (D33) “1” (D35)
	- Duas	“2” (D6)

Tabela 4 – Necessidades específicas dos sobredotados (questão 8.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Necessidades específicas	- Apoio individualizado por parte da docente da turma	<p>“Devido às suas qualidades, estas crianças necessitam muitas vezes de apoio individualizado por parte da docente da turma (...)” (D5)</p> <p>“São alunos que necessitam de um acompanhamento individualizado (NEE) (...)” (D8)</p> <p>“(...) necessitando assim de um acompanhamento para os ajudar na frustração e na gestão desse equilíbrio no desempenho escolar.” (D8)</p>
	- Apoio socioeducativo	“(...) bem como também de apoio socioeducativo (...)” (D5)
	- Planificação	“(...) Saber o que se vai trabalhar e planificar anteriormente (...)” (D12)
	- Socialização	<p>“Trabalhar muito as questões da socialização e as de respeito pelas diferenças.” (D12)</p> <p>“Socialização” (D34)</p>
	- Valorização de conhecimentos; dons e capacidades	“Valorização dos seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)

	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de conhecimentos; dons e capacidades - Promoção de atividades - Psicológicas - Sociais - Cognitivas - Diferentes níveis de desempenho - Necessidade de compreensão 	<p>“Desenvolvimento dos seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)</p> <p>“Promoção de atividades/ vivências que potenciem os seus conhecimentos/ dons/ capacidades” (D6)</p> <p>“Psicológicas (sucesso/ fracasso; participação; responsabilidade...)” (D2)</p> <p>“Sociais (atitudes; comportamentos; participação em grupos de tarefas; etc.)” (D2)</p> <p>“Cognitivas (estímulo/ interesse; flexibilização dos currículos; ...)” (D2)</p> <p>“pois têm níveis de desempenho diferenciados nas diferentes áreas curriculares. Podem ter um elevado nível de desempenho numa área, mas nas restantes um baixo nível (...)” (D8)</p> <p>“Necessitam que os compreendam para que haja promoção das áreas fortes e que ultrapassem, com mais facilidade, as áreas mais fracas.” (D44)</p>
--	--	--

Características	- Dificuldades nas relações interpessoais	<p>“(…) pois algumas manifestam dificuldades nas relações interpessoais.” (D5)</p> <p>“Atenção redobrada para a segregação (por vezes as relações interpessoais entre pares ou entre criança/ adulto não são pacíficas). Necessidade de estabelecer equilíbrio pessoal e interpessoal.” (D6)</p>
Necessidades práticas do docente	- Material pedagógico	<p>“Material “específico” para trabalhar com essa criança (…)” (D12)</p>

Tabela 5 – Métodos pedagógicos na intervenção dos alunos sobredotados (questão 9.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Métodos pedagógicos	- Pedagogia diferenciada	<p>“Pedagogia diferenciada” (D4)</p> <p>“Atendimento diferenciado (diferenciação pedagógica) (...) (D3)</p> <p>“Pedagogia diferenciada (promovendo as áreas fortes e desenvolvendo as fracas).” (D44)</p>
	- Promoção de ambiente criativo	<p>“promoção de ambiente criativo.” (D3)</p>
	- Partilha de experiências	<p>“Partilha de experiências, interesses com outros (...)” (D2)</p>
	- Recursos adicionais	<p>“Acesso a recursos adicionais de informação (bibliotecas, exposições, instituições, etc).” (D2)</p>
	- Planificação de tarefas	<p>“Participação na planificação de tarefas (...)” (D2)</p>
	- Planificação de projetos	<p>“(...) e projetos (...)” (D2)</p>
	- Realização de investigações	<p>“Realização de investigações.” (D2)</p>
	-Aplicação do modelo da escola moderna	<p>“O modelo da escola moderna permite uma abrangência à aprendizagem de alunos mais e menos dotados.” (D7)</p>

	<p>- Formação cívica</p> <p>- Trabalho a pares</p> <p>- Trabalho de grupo</p>	<p>“Mais formação cívica (...)” (D34)</p> <p>“(…) mais trabalho a pares (...) (D34)</p> <p>“(…) e de grupo” (D34)</p>
--	---	---

Tabela 6 – Modalidades de intervenção com alunos sobredotados previstas na legislação portuguesa (questão 10.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Modalidades de intervenção na legislação portuguesa	- Educação Especial	“Penso que são alunos que integram o regime de educação especial.” (D8)
	- PAPI	<p>“Os PAPI`s” (D4)</p> <p>“PAPI (antigo plano de desenvolvimento)” (D44)</p>
	- Plano de desenvolvimento/individualização do currículo e estratégias	“Plano de desenvolvimento com a individualização do currículo e de estratégias.” (D3)
	- Aceleração	“Possibilidade de cumprimento acelerado do programa do 1.º Ciclo, sem ele no ingresso no 1.º CEB.” (D2)

Tabela 7 – Conhecimento de associações na área da sobredotação (questão n.º 11.1)

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Associações	- ANEIS	<p>“ANEIS” (D1)</p> <p>“ANEIS” (D2)</p>
	- Núcleo de Sobredotação em Beja/ Pólo de Beja	<p>“Núcleo de Beja dinamizado pela D.ª Ana ...” (D7)</p> <p>“Núcleo de Sobredotação de Beja” (D4)</p> <p>(...) sendo um dos pólos em Beja.” (D44)</p>
	- APCS	<p>“A APCS” (D5)</p> <p>“Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas” (D4)</p> <p>“Associação Portuguesa de Sobredotados (...) (D44)</p>